

RelevO

novembro/2023, n. 03, a. 14

- Periódico literário independente
- feito em Curitiba-PR desde set/2010
- ISSN 2525-2704



Assine/Anuncie: O RelevO

não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.

Publique: O RelevO recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O RelevO recebe ilustrações. O RelevO recebe fotografias. O RelevO aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique.

Newsletter: Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.

As ilustrações desta edição são de **Natalia Azevedo**. Você pode conferir mais do trabalho dela em [@nat.azevedoart](https://www.instagram.com/nat.azevedoart).

DOS CUSTOS DA VIDA

(+) RECEITA BRUTA

ASSINANTES:

R\$ 35 Raul Paiva; R\$ 65 Pedro Luz; R\$ 70 Ricardo Leão; Katia Oliveira Santos; Horacio Santos; Whisner Fraga; Caio Ricardo Bona Moreira; Jordana Machado; Tamara Kiver; Eduardo Olírio; Julianne Veiga; Denise Borella; Gabriel Mussiat; Tiago Miquelin da Costa; Ronaldo Pithan; Cesar Carvalho; Jorge Bernardi; Bolívar Escobar; Maurício Porto; Helena Sofia; Jiro Takahashi; Regis Mikail; William Saab; Francisco Mecking; Heloísa Araujo; Suzane Lopes; Liana Timm; Natália Azevedo; Roberta Duarte; Luiz Huf; Joelson Maciel; Henrique Santos; Igor Lazier; Camila Abrão; Nicolas Wolaniuk; Fabiana Feijó; Wesley Loose Ludtke; Guto Souza; Diana Joucovski; Isabelle Eler; João Alexandre; Jefferson Mutrica; Pedro Mohallem; Claudio Parreira; Mylena Queiroz; Bruno Matteus da Silva Alves; R\$ 80 Renata Silva Pinto; Rômulo Cardoso; R\$ 100 Paula Zarth Padilha; Paulo Adolfo Barboza Freitas; Teresa Silva; Diana Visconti; R\$ 105 Sebo Pura Poesia; Fausto dos Santos; R\$ 120 Conrado Gonçalves; R\$ 140 Alice Ribeiro Lopes; Alexandre Boide; Juliana Ribon; Amanda Vital; R\$ 200 Bianca Scamaral Madrona; Julia Lerro Rocca; R\$ 280 Sandra Acosta; R\$ 1.000 RelevOFest.

TOTAL: R\$ 6.310

ANUNCIANTES:

R\$ 80 O Alienígena; R\$ 70 Flesch Notes; R\$ 200 Fazia Poesia; R\$ 350 Allejo; Gael Rodrigues.

TOTAL: R\$ 1.050

(-) CUSTOS FIXOS

Gráfica: R\$ 2.280
Escritório: R\$ 300
Embalador: R\$ 50
Editor-executivo: R\$ 0
Editor-assistente: R\$ 400
Mídias sociais: R\$ 400
Diagramação: R\$ 200
Infografia: R\$ 60
Colaboradores de agosto: R\$ 540

(-) DESPESAS VARIÁVEIS

Transporte: R\$ 150
Correios: R\$ 2.770

(-) DESPESAS ADMINISTRATIVAS

Domínio mensal: R\$ 35

(+) Entradas totais: **R\$ 7.360**

(-) Saídas totais: **R\$ 7.485**

(=) Resultado operacional: **- R\$ 125**

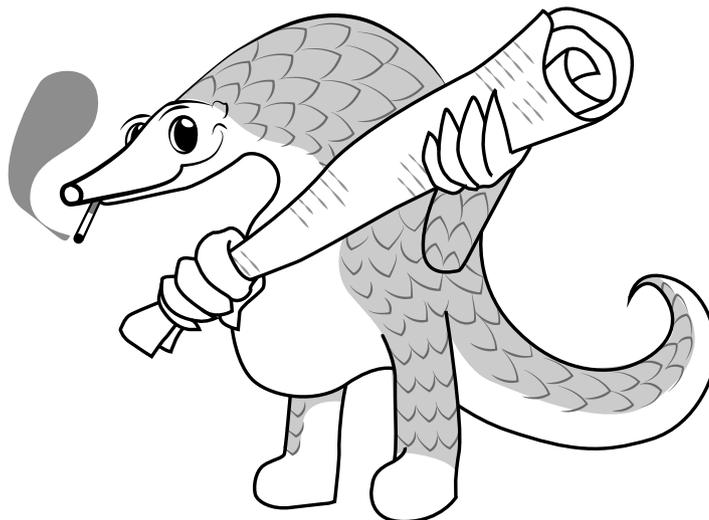
Novembro/2023

Editor: Daniel Zanella
Editor-assistente: Mateus Ribeirete
Ombudsman: Amanda Vital
Revisão: Às Vezes
Projeto gráfico: André
Infografia: Bolívar Escobar
Advogado: Bruno Meirinho
OAB/PR 48.641
Impressão: Gráfica Exceuni
Tiragem: 4.000

Edição finalizada em 29 de outubro de 2023.

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri
Bruno Meirinho
Celso Martini
Morgana Rech
Felipe Harmata
Katia Brembatti
Osny Tavares
Whisner Fraga



instagram.com
facebook.com
twitter.com
medium.com

/JORNALRELEVO.COM

CARTAS

ACHADO 1

Beatriz Polycarpo Oi, pessoal, tudo bem? Será que vocês poderiam enviar a edição para o endereço abaixo? Porque, como disse anteriormente, chegou na casa da minha ex, e eu achei que chegaria enquanto eu estivesse lá. Entrei em contato com ela esses dias pedindo pra me enviar o que faltava quando pudesse, mas não tive mais retorno, e como sei que ela não tem iniciativa nem atitude pra absolutamente nada, gostaria de resolver isso eu mesma (como sempre 🙄) e pedir encarecidamente que o material venha pro endereço anexado. Lamento o tormento; enquanto estava lá, achei que daria tempo do exemplar chegar. Não acho que ela terá prontidão em fazer isso e já não quero nem insistir, pois quero evitar o contato com ela o máximo possível. Também espero mandar algum material inédito pra vocês em breve. Irei ler o que possuem online pra ver como posso me adequar e contribuir. Obrigada e desculpem por isso.

ACHADO 2

Beatriz Polycarpo Moro num lugar com algo impossível de ser encontrado em São Paulo: uma chácara antiga de família, um terreno comprido com nossas casas, cada qual com seus bichinhos. O resto do terreno pertence aos silvestres (plantas e aves). Hoje, meu irmão bateu em minha porta com uma entrega do correio: um pacote do jornal. Reconheci na hora. A surpresa foi muito feliz. Eu o agradei e logo entrei pra abrir. Fiquei surpresa com a transparência financeira e ri com algumas cartas anexadas. Já estou rindo com o diálogo em “Ombudswoman 9: nômades digitais”. Que senhor teimoso, não? É a edição de setembro. Fiquei em êxtase ao ver que recebi duas, uma do mês anterior. Reforçou minha paixão pela produção editorial nas primeiras páginas. Obrigada, queridos! Não parem nunca. Quando eu puder contribuir financeiramente, também irei. Quero escrever algo para vocês em breve. Sofro com crises, certos picos depressivos que me pegam desprevenida e certamente foram meu remédio hoje. Até passei um café. São 17h55. Até mais. Com carinho e café.

“QUE ISSO... TÁ ME AGREDINDO!?”

Marcos Felipe Monteiro Prezado editor. Minha edição de outubro chegou na última segunda-feira. Fico feliz em saber que assinante(s) de Berlim recebem antes de alguns assinantes do Rio de Janeiro. Talvez seja Deus abençoando aqueles que realmente trabalham? Talvez seja. Abraços.

JOVENS E O EDITOR NA RELEVOFEST

Gabriel Scurupa Gosto do tardio, quando a glicose abaixou e o sabor de cacão na boca parece distante. Restam somente

as calorias e as memórias. Tardio, eu! O último a retirar seu exemplar lácteo. Com a chuva, ficaram em casa os de bom senso, na minha cabeça imaginava algo parecido com a semana de Arte Moderna, um olhar idealizado. Não que música eletrônica estivesse fora do meu ideal, mas não era a ideia propagada pela elite literária Villalobos. O RelevO é disco, o RelevO é doce, o RelevO é pop, o RelevO é choc. Deleitado em ver jovens e o editor... ao som de! Espero pelo próximo evento, com ou sem buffet livre, visualizo locais que convergeriam em ideias, imagem. Outra vez, parabéns pelo desenrolar!

Joelson Maciel Saudações! Recentemente conheci este periódico. Descobri há algumas semanas num café que frequento em Joinville (SC), o Salvador Vegan Café, e estou saboreando lentamente a edição de agosto de 2023. Tudo muito divertido, criativo, delicioso! Talvez eu esteja embriagado pelo charme do jornal impresso. Enfim, vamos ao assunto: o artigo sobre Cornell Woolrich na newsletter me foi uma grata surpresa: aprecio Hammett, Chandler, *et cetera*, mas confesso que sempre pulei Woolrich. Agora não mais. Vou adquirir um volume o quanto antes. Agradeço a sugestão! E quero devolver outra. Se Woolrich agrada, talvez Jim Thompson também o faça: são da mesma “cepa”. Há um volume dele publicado pela Ediouro cujo título foi traduzido como *1.280 Almas*. Engraçado, não? Eu ao menos acho, visto que é um romance brutal. Seja como for, vida longa ao jornal! Cordialmente.

Adriano Cirino Caros, seguem, com atraso, algumas de minhas impressões sobre a edição de setembro. Meu nome aparece três vezes: entre os assinantes, nas cartas e em “Ressaca de festival”; o Editorial — transparente, crítico e autocrítico — até alfineta, com uma indireta, a revista *piauí* e seu publisher João Moreira Salles, descrito como um “herdeiro entediado”; e o conto “Halloween Malvado I”, de Astrogildo Arantes, é um pastiche cômico tropical de serial killer com pitadas de erotismo. Um abraço!

Raquel Valedorio Olá, Jornal! Bom dia! Gostaria de fazer um comentário para ir na sessão de cartas. Conheci o periódico pela página do Pacote de Textos no Instagram (ótima página, inclusive). Desde quando comprei, já foi uma satisfação ler desde o primeiro periódico recebido, o Jornal é incrível, com muita referência, muitos textos inteligentes e divertidos. Obrigada por democratizar o acesso à cultura literária! Contem comigo para a divulgação e irei renovar a assinatura com certeza!

ENCLAVE SOBRE BETS

Rodrigo Domit Parabéns e obrigado pelo texto! Essa frase aqui embaixo bateu

forte. “Vindo de uma cidade que tinha mais casas de apostas do que livros (para roubar uma frase do falecido Nick Tosches) e onde as oportunidades de progresso eram tão cinzentas e imutáveis como o horizonte, apostar representava uma forma de um trabalhador ganhar alguma coisa com a sua inteligência, instintos e finesse, em vez de apenas com a força dos seus braços e a durabilidade das suas costas”. Quem trabalha na educação pública certamente já flagrou os estudantes conversando sobre suas apostas, com o brilho nos olhos de um Fabiano rumo ao Sul ou de um Tom Joad rumo à Califórnia. Não dá nem para dizer que é um problema silencioso, pois essas Bet, Betano, SportingBet, BetBalanço não param de aparecer escandalosamente a cada vídeo no YouTube ou intervalo comercial. Agradeço pelas reflexões!

CALL TO ACTION

Veronica Ramalho Assine o RelevO. Gosto de #carimbos.

Guímel Bilac Hoje o dia não foi fácil — trabalho difícil + carro quebrado + calor. Mas chegou o fim do dia e os correios trouxeram o Jornal de outubro, que publicou um poema meu que mandei em 25 de dezembro de 2021. Provavelmente eu estava sozinho, provavelmente embriagado e provavelmente ouvindo determinada banda de Seattle. obrigado! Espaço reservado p’ra dizer: assine o RelevO.

Luiz Henrique Gurgel Faz quase 10 anos, acho, que eu não via um texto meu publicado em jornal impresso. Falo de papel jornal mesmo. Parece besteira, mas adorei folhear o RelevO (maravilhosamente ilustrado!) de setembro e encontrar um conto meu que está no livro *amores malfadados*. Jornal impresso me remete à infância, à poltrona da sala e aos domingos em que meu pai, bem cedo, se acomodava e abria o *Estadão*, a *Folha* e o *Diário do Grande ABC*. Passava a manhã lendo os três jornais, de cabo a rabo, até a hora do almoço. E, claro, me passava os suplementos infantis, a *Folhinha* e o *Diarinho* (o *Estadão* tinha de tudo, menos um caderno infantil). E agora tô aqui, curtindo esse jornal (só assino dois impressos: o RelevO e o *Rascunho*). Mas não canso de fazer propaganda do RelevO, é um dos mais criativos e divertidos jornais literários do país, sem a chatice de só trazer resenhas e resenhas e resenhas... Foi minha primeira colaboração para o Jornal (assino há quase três anos). Ah! Esta edição já está disponível na página: jornalrelevo.com. Boa leitura!

Marco Aurélio (de) Souza Acabo de pegar meu exemplar da edição de outubro do Jornal, onde aflorei meu lado professor sob a forma de uma edificante questão de vestibular. Leiam, melhor simulado não há.

DIA DO JORNALEIRO

Banca Vera Dia 30 de setembro. Dia do Jornaleiro! Viva aos que levam informação, cultura, arte e vida para os amantes leitores! Aqui na Banca, distribuimos o RelevO. Todo mês uma tiragem nova pra vocês, é só passar e pegar!

OUTUBRO

Dom Valdir Backmann Recebi hoje o meu exemplar do mês de outubro. Já vou providenciar a renovação da minha assinatura. Amo ler e reler o RelevO. É uma viagem na cultura. Parabéns!

Rozana Gastaldi Cominal Que tudo a edição de outubro! A cada edição uma surpresa imagética!

Juliana Andrade Essa edição tá linda demais ❤️ Pirei nessa capa!

Luca Nieri Adorei a crônica da Maria Eugênia Moreira na edição de outubro do Jornal.

DRUGS

Bruno Matteus Assinei o RelevO ontem à noite por puro impulso.

PROPOSTA AO EDITOR

Representante Bets Olá, meu nome é Gabriel. No momento, estou procurando auxílio com uma tarefa básica e estou mais do que disposto a compensá-lo por sua ajuda, dada a sua posição. Trabalho com inúmeras atrações turísticas. As empresas estão dispostas a comprar sua avaliação no Google para obter mais visibilidade online. Tudo o que você precisa fazer é avaliar 5 estrelas e deixar um comentário positivo para a atração turística que fornecerei no Google. Gostaria de saber o valor que eles pagam em cada avaliação? Deixe-me fornecer mais detalhes. Ofereço remuneração que varia de R\$ 10 a R\$ 48 até R\$ R\$ 1.472,00 para cada tarefa de avaliação. Assim que a avaliação for concluída, o pagamento será enviado via transferência Pix. Você está livre para começar? Antes de prosseguirmos, posso saber sua idade?

Fora do centro, fora do clube

APOIADORES



Jacarezinho (PR) — O **RelevO** nunca foi um periódico curitibano. Nem araucariense, relembrando os anos todos do *publisher* nesta intrigante cidade da Região Metropolitana de Curitiba, pouco reconhecida por seus aparelhos culturais e mais lembrada por ter uma sede da Petrobras e por seus prefeitos, digamos, singulares. Não somos um jornal brasileiro, que defende a importância da literatura do País. Em suma, não existimos para exaltar uma cidade, um povo, um grupo, uma associação. Talvez o Totti.

Como você pode imaginar, não abraçar um clube tem suas vantagens, como independência editorial, falta de elogios públicos a autores medíocres, ausência em eventos aborrecedores apenas pela política de boa frequência entre pares. Por outro lado, também são evidentes as desvantagens. Nos eventos de representação do que é o meio literário local, como festivais e feiras, por exemplo, o **RelevO** não existe — não é chamado sequer para ser plateia. Não temos *amigos* no meio.

Tais constatações nos trazem certa serenidade ou alívio. Verificamos o nosso trabalho melhor fora da aldeia do que no nosso centro, pegando o referencial de o centro ser onde estamos, não necessariamente o que nos gera pertencimento. Em eventos fora de Curitiba, o **RelevO** se materializa mais como aquilo que realmente pretende ser: um periódico múltiplo, com um pezinho simbólico no anarquismo, descompromissado com os feirantes, ofensivo porém carinhoso. Fora de nosso habitat, somos quem almejamos ser.

Não é novidade intelectual que as avaliações entre pares são dadas à corrupção, e isso vale para honrarias diversas. Ganhar o prêmio de Filho do Ano por parte da própria mãe não é mais que obrigação. Ser lido e estudado em uma obscura universidade da Finlândia, por outro lado, é muito mais interessante porque podemos notar ali, quem sabe, a não existência de amarras dos jogos entre pares. Por que esses japoneses de Glasgow estão lendo a literatura negra brasileira do Cariri? Isso sim é elogio.

Evidentemente, não somos o Filho do Ano, tampouco fazemos boas viagens internacionais. Ninguém estuda o Jornal — provavelmente. Nosso *mood* é embarcar em ônibus às 23h55 de sexta-feira para chegar num Encontro de Editores às 7h de um sábado de fechamento de edição. E como isso impacta você, leitor ou escritor?

Por não fazermos parte de nenhuma seita, conluio de herdeiros ou vestiário masculino com sobrenomes imponentes, publicamos aquilo de que realmente gostamos. Não conhecemos pessoalmente 90% dos autores e autoras publicadas em nossas páginas e, via de regra, não temos esse interesse (das nossas orientações para publicação: “Não há necessidade de enviar minibiografias [ou biografias inteiras]. Queremos saber o mínimo possível sobre o autor e/ou suas titulações.”). Se você está em Jacarezinho (PR) ou São Paulo (SP) escrevendo uma crônica banal, o que importa para nós é como uma palavra está conectada à outra. Não nos interessa a alcunha do escritor local, e sim o indivíduo que escreve em seu local.

O **RelevO** tem, acredite, um DNA de oposição aos grupos. Nossa equipe — praticamente inalterada desde 2018 — não passa de seis pessoas. Gostamos de ser assim, da paz da solidão, de conhecer pessoas sem necessidades de contrapartidas. Portanto, escreva para nós, assine nosso periódico... antes que façamos uma edição especial Maravilhas de Quatro Barras (mas lá é bonito mesmo).

Uma boa leitura a todos.



Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria ser garantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse flaviosanso.com

Amanda Vital

OMBUDSWOMAN 11: “The Chocolate Agenda” — o que a grande mídia não quer que você saiba!

Come chocolates, pequena;

Come chocolates!

Olha que não há mais metafísica no mundo senão chocolates.

Olha que as religiões todas não ensinam mais que a confeitaria.

Come, pequena suja, come!

Pudesse eu comer chocolates com a mesma verdade com que comes!

Mas eu penso e, ao tirar o papel de prata, que é de folha de estanho,

Deito tudo para o chão, como tenho deitado a vida.

“Tabacaria”, Álvaro de Campos (sim, este é do Álvaro, maltinha, Álvaro que tem o mesmo focinho do Pessoa, mas nãaaa atribuem ao Pessoa, é Ál-va-ro, tá-se bem?)

Car_s leitor_s, a coluna desse mês vai ser totalmente voltada para denunciar o propagandismo da curadoria do **RelevO** da edição passada para a venda de seu novo produto, o Chocolate RelevO, lançado no mês passado. Tenho provas o suficiente para mostrar que todos — sim, absolutamente todos — os textos foram selecionados a dedo para incentivar a venda casada, que, aliás, é crime no Brasil. Fazendo um trabalho de trincheiras, busquei o que a grande mídia não mostra, o fio de cabelo em ovo, o conspirac-, quer dizer, os “olhos de ver”, acordados e muito bem acordados. Vamos a isso.

Começo por “Questão de vestibular”, literatura-múltipla-escolha de Marco Aurélio de Souza, pulando a seção de carta dos leitores, que é claro que não deixou de publicar uma quantidade absurda de comentários relacionados à venda do chocolate. O que múltipla escolha nos lembra? Enem, é claro. Vestibular, para ser mais precisa, e para ornar com o título atribuído ao texto. O que levamos para a prova de vestibular? Caneta preta, sim. RG, total. Uma garrafinha d’água? Convém. Mais mais do que isso: levamos chocolate. Há uma psicologia do consumidor (e do consumo — do chocolate, claro) atirada para os leitores logo à primeira vista, preparando o ambiente para o que mais vem por aí. Isso é jogada de mestre, vamos concordar, né? E começamos jovens, vestibulandos, acadinhos de sair das fraldas. No começo do vício.

Depois entra “O amor”, de Maurício Porto. Ora, novamente a curadoria entra na mente de quem lê. O amor também pode ser f*ddido. Com isso, recorreremos a todas as benditas desgraças, para nos desgraçarmos ainda mais; entre elas,

o álcool. E a menção a whiskies, que vão bem com chocolate, faz com que o leitor fique predisposto a buscar um acompanhamento rápido para um bom conto. Uma caixa de bombons com uma boa garrafa de destilado? Não há melhor. Na fossa, então...

A crônica da Maria Eugênia Moreira segue a mesma coisa: a autora traz à tona a questão dos supermercados da rede Oxxo, estilo Dia, que é onde costumamos fazer compras pequenas; dentre elas? Sim, o chocolate. A nossa mente vai quase de maneira automática no corredor dos doces e batatinhas, sentimos a mão alcançando, entre aquelas barras quebradas de chocolate barato e duvidoso, alguma que esteja minimamente inteira. O cenário trash da crônica descreve e ambienta super bem essa procura. E o estômago ronca, estranhamente ronca.

“Novíssimos paraísos artificiais” é a reportagem especial do **RelevO** do mês passado, que, é claro, como todo bom vendedor, veste-se da causa ambientalista apenas para fingir que o produto é sério e preocupado com os rumos que o planeta está tomando, deixando a publicidade bem nas entrelinhas. O “Novíssimos paraísos artificiais” é o *blue money* da imagem boazinha e limpa, anti-monstros-capitalistas, de quem acaba de lançar um chocolate ao mercado e não quer ser confundido com charlatões. Mas sendo.

E sobrou até para a própria Enclave, mãe do céu, uma coluna tão séria, tão perfeitamente bem escrita sempre... Precisava mesmo mencionar alguma parte do trabalho de Fischer na busca de João Gilberto, algum recorte que seja, voltado apenas para aguçar o apetite? E foi logo de um diálogo com Garrincha, garçom do restaurante preferido. Ora, o que se come depois de

um bom prato? João Gilberto não pedia sobremesa, mas você pode pedir!

Agora, qual não é a minha surpresa quando viro a página e, *tcharam!*: além d’O Grito, mais um texto sobre supermercados... Pois é. Dessa vez maior e mais esmiuçado, com deliberações (bem interessantes) sobre a organização dos corredores e do carrinho de compras, chegando ao fim do jornal e fazendo aquela última tentativa de despertar o apetite e levar as mãos à carteira para comprar besteiras. Percebem a sutileza? É uma linearidade do mal essa. Do senhorzinho gordinho de suspensórios e bigodudo que te quer vender o seguro de um carro que você não tem!

Até a crônica tão leve de Rodrigo Madeira tem sua porção de culpa no cartório. Primeiro porque é um texto doce, docinho. Segundo, porque de tão leve, mas tão leve, cria pequenas perninhas de palitos de pirulito e vai caminhando pela cidade qual flâneur. E o leitor também cria suas perninhas e fica achando que está não só leve, mas doce, docinho. Acho que não preciso falar mais nada, né?

Mas sabem que com poesia a coisa fica um pouco mais complicada, que esses poetas são qualquer coisa de enigmáticos, hieroglíficos, ai, são tão pseudo! Mas consigo ver, no poema de Liana Timm, dois elementos: o sexo (que sim, pode exigir um chocolatinho em cima do travesseiro) e o pós-sexo (que sim, pode exigir um chocolatinho embaixo do travesseiro).

O mesmo com a tradução de Bernardo Antônio Beledeli Perin de “The woman who could not live with her faulty heart”, de Margaret Atwood. Ora, bate na minha cara com esse trecho: “Mas a maioria deles diz quero, quero, quero”. Vê se não

cheira a propaganda. Tem cheiro de agenda. Tem ar de propaganda do Baton dos anos 80. Tem tom de letrinha miúda.

Por fim, logo o texto antes da página publicitária em si, a página final, que fecha todo esse grande complô, é um poema de Guímel Bilac. Não vou dizer da menção às cervejas, porque não combina, não. É da gana do leitor terminar querendo mais. E é claro que a venda casada se concretiza aí: o poema nos é apresentado como “que intrigante, quero ler mais dessa pessoa”, e pimba! Toma-lhe página publicitária do chocolate. Meu amigo. Se isso não é venda casada 101, eu não sei mais o que é.

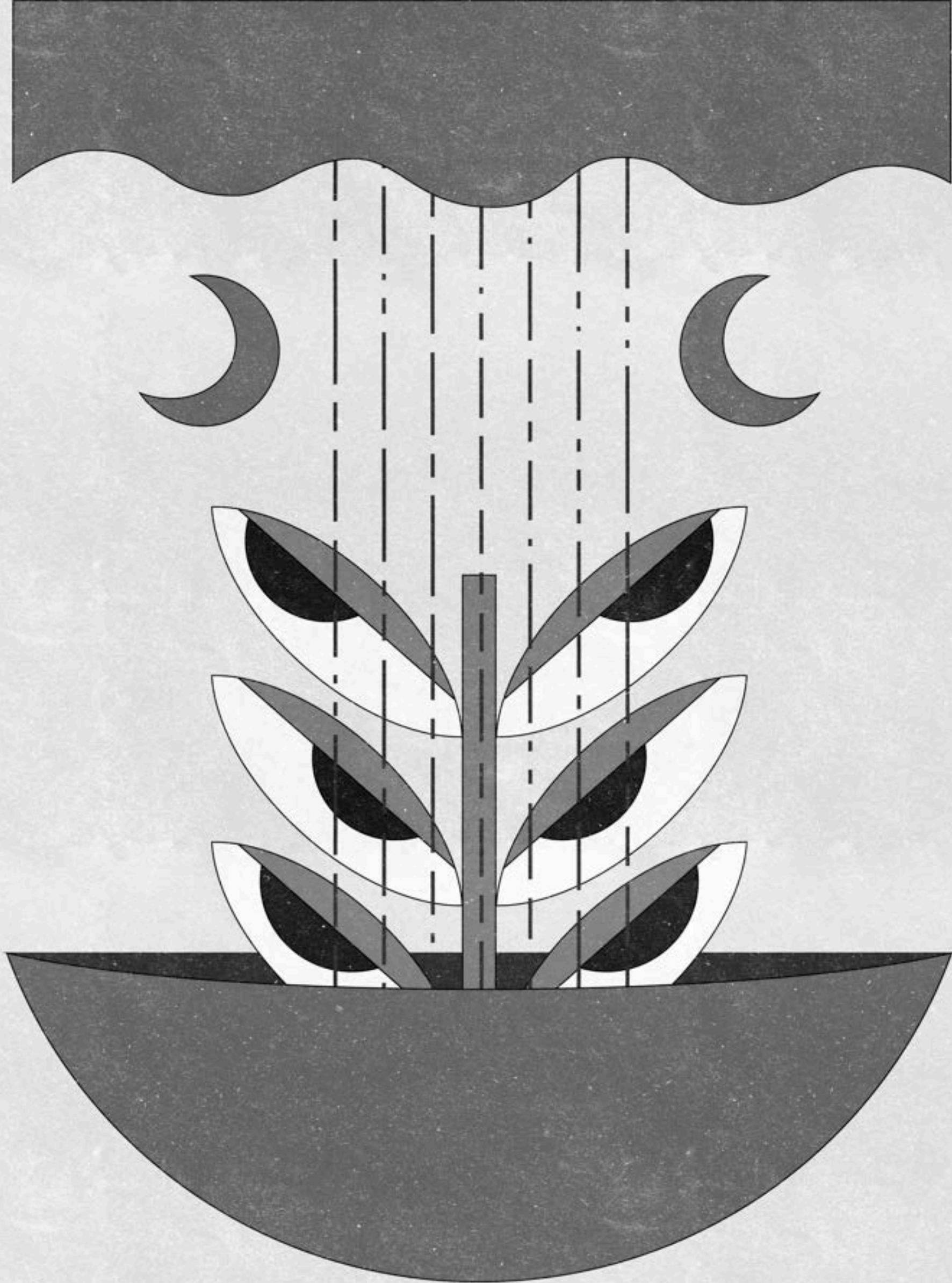
E coitada da Ana C., que ficou na contracapa. “Costa com costa” com a propaganda e não tem nada a ver com isso.

Uma curiosidade, já agora no fim, que fui verificar: a palavra “chocolate” foi repetida 17 vezes no **RelevO** da edição passada. 17 ocorrências. Provavelmente, só nesse texto, também há 17 ocorrências. Mas isso não vem ao caso, ou vem?

Mas olha que essa coisa toda e eu não levava nada a mal que um certo editor mui nobremente me mandasse uma barrinha do chocolate novo. Na verdade, esse texto todo é só para pedir que me mande uma.

★

No mais, car_s leitor_s: comam chocolates, pequen_s, comam chocolates. Olha que não há mais metafísica no mundo senão chocolates! Mas se não quiser, não precisa.



O retrato de João Gilberto

Nós três éramos uma banda e decidimos morar juntos. Então, alugamos um sobrado numa vila no Centro de Curitiba. Além dos móveis de praxe, levamos pra lá uma televisão, uma vitrola, instrumentos, equipamentos, discos de vinil e quadros. Foi enquanto decidíamos onde dispor cada quadro pela casa que a história começou. Os pôsteres de filmes ficaram na sala, ao redor da tevê. Desenhos e gravuras se dispersaram pelas paredes do corredor e da sala de jantar. Os cartazes de bandas e músicos foram pregados no quartinho dos fundos, que usávamos como estúdio. Mas havia uma exceção: um retrato a óleo, hiper-realista e sem assinatura, de João Gilberto sentado em um banquinho e tocando violão. Aquele quadro era um mistério, nenhum de nós três sabia de onde ele viera. Fui eu quem deu a ideia de pregar a pintura na parede do banheiro.

— Do banheiro!?

— É, por quê?

— A acústica lá é melhor.

Todos rimos, mas foi o que fizemos. A nossa banda era punk e existe algo mais punk do que cagar e mijar em frente a um retrato do pai da Bossa Nova, do inventor do violão, João Gilberto Prado Pereira de Oliveira?

Não tardou para que coisas estranhas acontecessem em torno de João.

Após nossos shows, costumávamos levar algumas de nossas fãs para uma festinha na vila. Na manhã seguinte, algumas delas começaram a relatar que se sentiam um pouco incomodadas com o velho na

parede do banheiro. Segundo elas, parecia que ele estava olhando para seus peitos e bundas. Não fazia sentido, pois, no retrato, João estava cabisbaixo, mirando o braço de seu Di Giorgio.

Mas, depois, outras coisas bizarras começaram a acontecer.

O guitarrista jurava que os dedos da mão esquerda de João sempre fizeram um acorde de Dó, mas agora, inexplicavelmente, formavam um Lá com Sétima.

No verão, quando o calor começou a bater forte, o baixista percebeu que João Gilberto estava sem gravata. Mas ele não usava gravata antes? Não sabíamos responder.

E então, em uma madrugada, acordei com o som de uma conhecida melodia que entrava pela janela do meu quarto. Janela esta que era próxima da janela do banheiro.

— *É amor o Hô-ba-la-lá... Hô-ba-la-lá... uma canção...*

Não soube o que pensar ou o que fazer. Não tive coragem pra ir até o banheiro. A noite inteira foi só *Hô-ba-la-lá... Hô-ba-la-lá... Hô-ba-la-lá...*

Ninguém comentou sobre isso quando tomamos café no dia seguinte, mas decidimos que iríamos pegar leve nas drogas.

— Daqui pra frente é só maconha e cerveja.

Um tempo passou e, por causa do barulho dos ensaios e dos constantes atrasos no aluguel, fomos despejados do sobrado da vila. Empacotamos todas as nossas coisas e só deixamos pra trás, ainda

pregado na parede do banheiro, o retrato de João Gilberto.

Depois cada um foi para um lado e a banda acabou.

Nós três só fomos nos reencontrar na noite de 6 de julho de 2019, dia em que João Gilberto havia morrido. Nos encontramos no Limbo Bar e tomamos um porre colossal. Lembramos de nossas aventuras punks na vila. Ficamos no bar até fecharem as portas e sermos chutados para a rua. Combinamos de um dia nos reunirmos novamente e fazer um som. E então, cada um seguiu o próprio caminho.

Andei completamente bêbado pelas ruas e decidi desviar um pouco da minha rota para passar em frente à vila em que morávamos. O portão estava aberto e, tomado por certa nostalgia, entrei. O nosso antigo sobrado ainda estava vazio, com uma placa de aluga-se colada na fachada. Assim que me aproximei, escutei bem baixinho, ecoando da janela do banheiro, justamente aquilo que eu estava procurando: a voz e o violão de João Gilberto. Acendi o último Marlboro do maço e cheguei à conclusão de que sim, há mais coisas entre o céu e a terra do que supõe a nossa vã filosofia, a outra volta do parafuso, Annabel Lee e o caralho a quatro, mas não adianta querer achar explicação e muito menos sentir medo do estranho, do bizarro, do desconhecido. Afinal, quem ouvir o Hô-ba-la-lá terá sempre feliz o coração, não importa a situação.



Na dúvida, é melhor não mentir

Em seu romance de estreia, escritor aborda questões contundentes como prostituição infantil e *fake news*.

“A mentira é o único privilégio do homem sobre todos os outros animais”, sentencia Dostoiévski em sua obra-prima *Crime e Castigo*.

Partindo dessa premissa, o escritor Luiz Gustavo de Sá apresenta seu novo livro, o romance **Na dúvida, é melhor não mentir**, que está saindo pela editora **Penalux**.

O livro é protagonizado por Ricardo Galego, um jornalista desempregado que vem levando uma vida niilista e sem maiores pretensões, até que a inesperada gravidez de sua namorada surge para sacudi-lo do seu torpor. A exemplo de Bentinho, personagem machadiano do romance *Dom Casimiro*, Ricardo também tem dúvidas sobre a paternidade do filho que sua companheira espera.

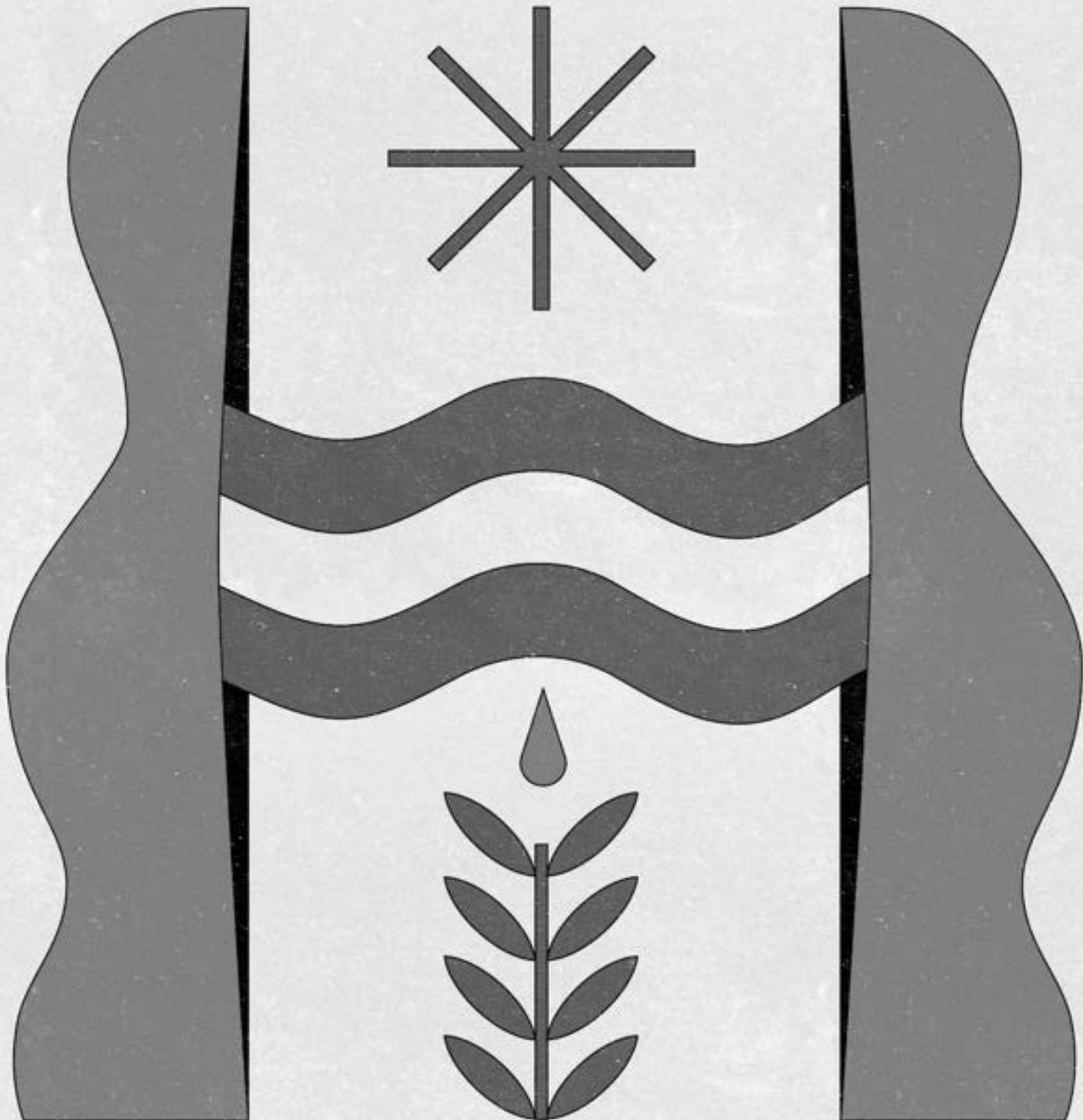
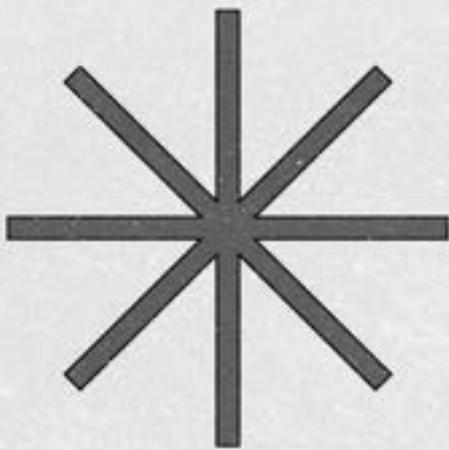
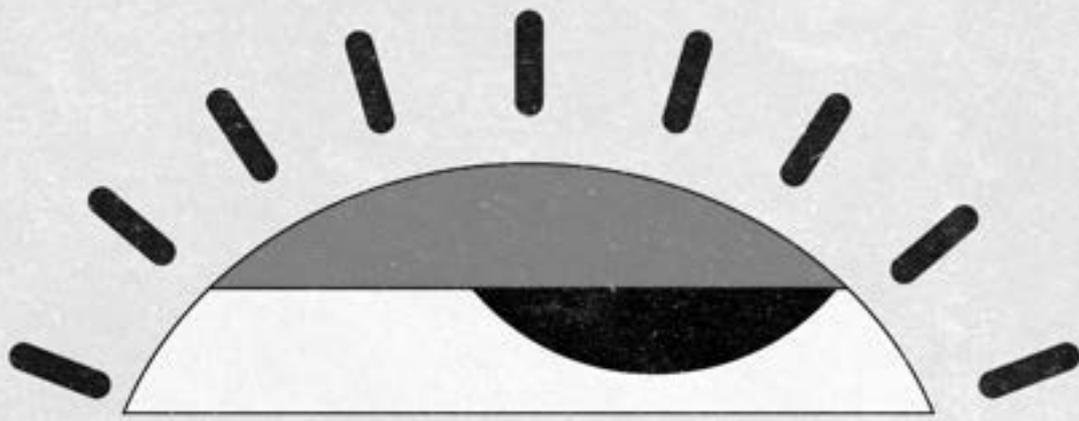
Segundo o autor, a ideia principal do livro é levantar discussões sobre as noções de “verdade” e “mentira”. “Devemos fazer distinções entre as verdades que são subjetivas, que não servem para todos, e as mentiras descaradas, usadas deliberadamente com diversos propósitos, tanto a nível pessoal quanto midiático”, diz Gustavo. Segundo o autor, a ideia principal do livro é levantar discussões sobre as noções de “verdade” e “mentira”. “Devemos fazer distinções entre as verdades que são subjetivas, que não servem para todos, e as mentiras descaradas, usadas deliberadamente com diversos propósitos, tanto a nível pessoal quanto midiático”, diz Gustavo.

Na dúvida, é melhor não mentir

Luiz Gustavo de Sá

R\$ 45 (174 p., Penalux, 2023).

editorapenalux.com.br/loja/na-duvida-e-melhor-nao-mentir



TENTACLE EROTICA

Estávamos deitados tarde da noite, com *Jaws* passando na TV, e eu deveria saber que isso daria problema. É óbvio que ele se lembraria. Mas optei por ficar imóvel, desfrutando daquele raro cafuné completo, com toda a atenção e todos os dedos, pois Theo tinha déficit de atenção e rapidinho perdia o foco. Então preferi aproveitar. Melhor do que tantos prazeres mais óbvios era imaginar minha cabeça sendo devorada com bastante gentileza por suas mãos, como tentáculos.

“Cerejinha?”

Ele costumava me chamar assim.

“Desde sábado tô pensando naquilo que você respondeu para o Daniel quando todo mundo tava falando sobre imaginar coisas durante o sexo. Você tava brincando, né? Sobre o que falou de mim?”

Merda de Spielberg. *Você me paga*, pensei, e assim que olhei para o filme, concluí que dois segundos eram muito tempo para responder, e agora qualquer resposta soaria falsa. Precisava dizer a verdade; afinal, havíamos prometido isso no começo de tudo, três anos antes. Era um plano secreto esse de ser mais honesta sobre meus desejos. Principalmente àquela altura, quando estavam se tornando concretos demais para ignorar.

“Eu sei que você fala muita besteira quando bebe”, ele acrescentou já meio nervoso.

Só que tinha o fato de eu o amava e não queria perdê-lo por um fetiche idiota, até porque todo mundo tem fetiche. Mesmo Theo devia ter algum fetiche que nunca descobri, algo que optou por expressar de uma forma mais íntima, como a pornografia, talvez por vergonha. A questão é que aquilo era, e eu bem sabia a gravidade, muito maior que um fetiche. Um fetiche não começa como um fantasma a quem você dá corda até que se torne um Poltergeist, uma força com vida própria. Um fetiche, como um fantasma, não passa de um desejo. Aquilo em que Theo se transformava cada vez que...

“É que na hora o Daniel e a Paula se olharam e eu senti que, para eles, pareceu verdade. Mas como a gente tava bêbado, acho que eles nem lembram mais. De qualquer forma, na próxima oportunidade é uma boa esclarecer. Nem que seja só para a Paula, antes que ela saia abrindo a boca por aí.”

“É claro que eu tava brincando, T.”

Eu costumava chamar ele assim.

“Você sabe como eu fico desconfortável com esse tipo de pergunta. Não me sinto à vontade para falar sobre a minha vida sexual, nem para o Daniel, nem para a Paula. Foi a primeira coisa que eu pensei porque o quadro estava bem atrás da cabeça dela, e achei que ia ser divertido, e que ninguém iria levar a sério.”

“Mas foi você quem deu o quadro para ela.” Ele fingiu um riso. *Maldito Spielberg*.

“Mais como uma piada que encontrei no antiquário do que um presente. Você viu que não aguentei aquilo no meu quarto por mais de um mês.”

Menti novamente, pela saúde do nosso afeto e a saúde mental de Theo, pois só Deus sabe como ele reagiria se descobrisse o que acontecia dentro e fora dele. Eu culpava o déficit de atenção que fazia com que ele não percebesse. Tão focado em mim, não notava o instante em que se transformava, gradualmente. Também culpava meu desejo, em primeiro lugar. É no que acredito hoje: da mesma maneira que as pessoas saudáveis manifestam sonhos bons através de murais, as doentes, como eu, conseguem concretizar os sonhos ruins se desejarem muito, só com a força do pensamento.

Então, por um mês, eu desejei muito aquele quadro.

Nenhuma representação do sexo havia me despertado dessa forma, como se tivesse descoberto um tipo elevado de prazer. Estava obcecada, passava o dia trabalhando em casa de frente para ele e, à noite, para me satisfazer, bastava apenas olhar e me imaginar dentro dele, no lugar da mulher que se contorce sendo engolida pelo

octopus monstruoso. *The Dream of the Fisherman's Wife*. O pintor era japonês. Pioneiro do que interessou também ao Picasso e ao Andrzej Żuławski, o tentacle erotica. Um gênero pornográfico que em si é horrível, onde a mulher não tem escolha. Mas para mim era sempre o inverso. Quem não tinha escolha era o monstro.

“É um quadro feio mesmo”, ele sorriu, dessa vez de verdade, “tinha vezes em que a gente estava transando e o bicho parecia que estava olhando para mim. Era mais estranho ainda quando eu estava na mesma posição que ele. Parecia que eu era outro dele.”

O som da TV aumentou conforme o tubarão se aproximava do barco. Me ergui, encostei no travesseiro e agarrei o pescoço de Theo com uma mão para um abraço, e com a outra puxei o controle e baixei o volume. Não havia percebido antes, mas os olhos dele estavam cada vez maiores, assim como o formato do crânio, como a cabeça de um bebê é grande em relação à face. Ele costumava ter a pele mais quente do que a minha, e naquela noite fresca, sua nuca estava gelada. Ele também costumava ser mais moreno.

Me perturbava o fato de que estávamos sendo vítimas do meu egoísmo. Não é como se o que aconteceu fosse inevitável. Que eu terminasse com Theo, que buscasse um padre ou ainda que queimasse o quadro, como faria um supersticioso. *Me deixei levar pela tentação do prazer terreno*, padre, é o que eu diria hoje, eu acho, se me permitissem sair daqui para confessar. Como foi Deus que criou todas as coisas, toda crueldade do mundo, imagino que ele me perdoaria. Nunca vou descobrir se Theo me perdoaria. Saberá, se tivesse dado tempo.

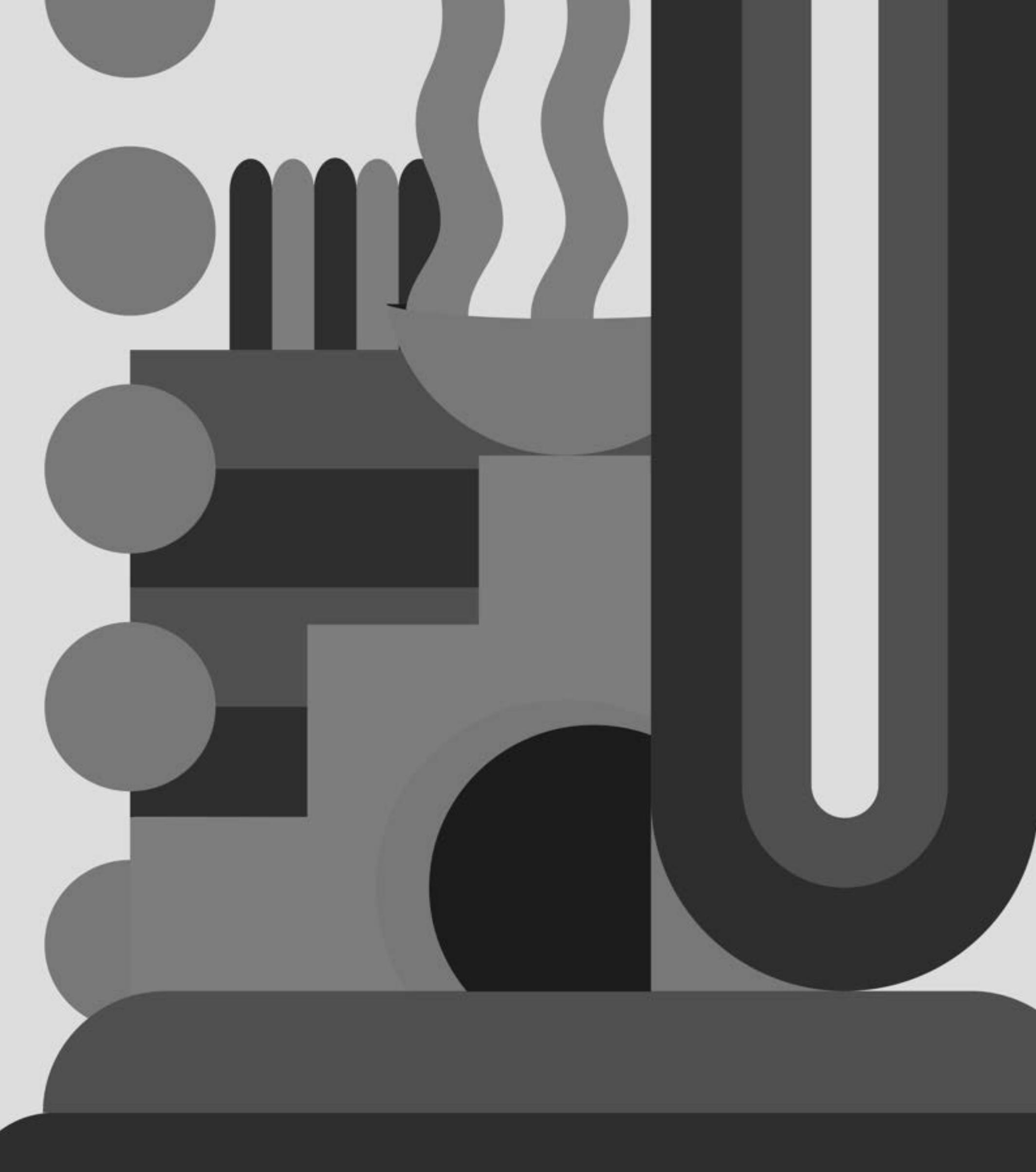
“E agora que ele não está mais aqui, só tem um de você para fazer isso”, o medi com um sorriso esperto, que ele retribuiu me apertando com mais força.

Eu tinha certeza de que alcançaríamos ali o último estágio da transformação. Era irônico que fosse durante *Jaws*. Não posso dizer que estava preparada,

apenas ansiava na tortura do desejo. O tamanho surreal de sua cabeça denunciava o fim da vida que Theo conhecia e o começo de uma nova forma de existir, como uma segunda chance. Pensando por esse lado, era uma oportunidade que poucos têm. O que aconteceu assim que senti o tecido fino da calcinha descer pelas pernas foi parecido com que sentia quando Theo me fazia o cafuné completo, com sua atenção voltada inteiramente para mim.

Pensei: *vou ficar de olhos fechados o tempo todo para aproveitar*. Não aguentei. Abri quando um dos tentáculos de Theo gerou uma segunda cabeça, igual, mas menor que a dele, vindo na direção da minha garganta, e precisei me defender. Lembrei do que havia lido sobre o *tentacle erotica* e como um fantasma vira Poltergeist e qualquer coisa que você deixe te dominar por um tempo vai acabar matando você e principalmente porque Theo era, no fundo, ainda homem, e por causa disso deveria destruir a coisa e o próprio Theo, pelo bem do nosso afeto. Lembrei de quando quis ser vegana e ele me contou que peixes não sentem dor, e aproveitei sua distração para enforçar a enorme e gelada cabeça com as pernas, até os tentáculos finalmente me soltarem.

Nunca fui atrás dessa informação, o que o Theo dizia sobre os peixes. Confiava muito nele.



Robert Frost

Tradução de Pedro Mohallem

FIRE AND ICE

Some say the world will end in fire
Some say in ice.
From what I've tasted of desire
I hold with those who favour fire.
But if it had to perish twice,
I think I know enough of hate
To say that for destruction ice
Is also great
And would suffice.

DUST OF SNOW

The way a crow
Shook down on me
The dust of snow
From a hemlock tree

Has given my heart
A change of mood
And saved some part
Of a day I had rued.

FOGO E GELO

Ou o mundo acaba em fogo,
Ou acaba em gelo.
Provei do desejo, logo
Tendo a crer que acaba em fogo.
Mas, dois fins havendo, pelo
Quanto conheci do ódio,
Digo: um bom estrago — o gelo
Também pode
Oferecê-lo.

PÓ DE NEVE

Um corvo sacode
Sobre mim uma rama
De cicuta e seu pó
De neve derrama

E meu coração
Entende a seu modo
Que este dia não
Se perdeu de todo.

THE ROSE FAMILY

The rose is a rose,
And was always a rose.
But the theory now goes
That the apple's a rose,
And the pear is, and so's
The plum, I suppose.
The dear only knows
What will next prove a rose.
You, of course, are a rose -
But were always a rose.

NOT ALL THERE

I turned to speak to God,
About the world's despair;
But to make bad matters worse,
I found God wasn't there.

God turned to speak to me
(Don't anybody laugh)
God found I wasn't there—
At least not over half.

Poesia é o que se traduz na perda

Robert Frost

A FAMÍLIA DA ROSA

A rosa é uma rosa
E foi sempre uma rosa.
Mas cresceu entre nós
A noção de que é rosa
A maçã, e a lustrosa
Pera, e a ameixa fibrosa.
Que sei eu do que após
Haverá de ser rosa?
Você, claro, é uma rosa —
Mas foi sempre uma rosa.

ORATE

Eu quis falar com Deus
Sobre os horrores que há;
Mas para piorar as coisas
Deus não estava lá.

Deus quis falar comigo;
Para Seu desespero
(Não riam) eu não estava —
Ao menos não inteiro.



RIMOBILIÁRIA

Para que fiador se

Aluguel, condomínio, IPTU, síndico, briga de casal: tudo isso é muito *chato*! Aqui na Rimobiliária, nós não levamos o mercado imobiliário tão a sério: que diferença faz dormir numa mansão ou debaixo das estrelas (desde que elas cobrem o aluguel certinho ou abatam o valor integral da pintura da porta)?

Todo mundo que já precisou de uma imobiliária no Brasil sabe o que é sofrer. Sabe o que é se irritar. Sabe o que é amaldiçoar o familiar que lhe obrigou a sair da casa quando você estava com todos os custos pagos. O atendimento é — invariável e implacavelmente — uma bosta. Falta de lógica, malandragem e português intermediário são alguns dos problemas que assolam o cidadão comum, aquele cujos pais não têm propriedades para dar, vender e expulsar vagabundo por aí.

Com isso em mente, a Rimobiliária vai disromper toda a indústria imobiliária deste país, começando hoje! Que tal conhecer algumas das nossas iniciativas?

1. Corretor engraçado: encontrou um apartamento legal, mas o corretor não sabia nem a quantidade de banheiros de uma quitinete? Ele passou o atendimento inteiro no celular, apostando em partidas do Criciúma? Você sentiu-se moralmente ofendido com a definição de “casa imperdível, já tem gente esperando ali fora” dada pelo corretor para o pulgueiro mais terrível que viu na vida? Na Rimobiliária nada disso é um risco. Só contratamos corretores *engraçados* — não do tipo replicador de meme, que manda figurinha da Gretchen no WhatsApp ou ri da cor indefinida do seu cabelo, mas realmente engraçado, com piadas existenciais e aquela síncope sutil que flerta com a tentativa de suicídio.

2. Fiador obrigatório opcional: para que fiador se você pode rir da dor? Bom, você já leu, este é nosso slogan. Mas o que isso significa? Sei lá! Na Rimobiliária, nem tudo tem que ter um *significado* — a não ser que você queira. O fato é: a gente não exige fiador. A gente não exige nada. Para comprovar renda, basta passar pelo teste do SoFá. Calma: é o Só-Fa-ço-Rir! Entretenha nossos agentes e retire as chaves mesmo que você seja um estagiário de Jornalismo num freela que monitora Instagram de filho de ex-BBB. Evite contar longas passagens enfadonhas do almoço sobre o seu tio muuuito reaçã. Melhor: transforme isso em uma piada tão boa, mas tão boa que faça nosso corretor esquecer que ele também não tem casa própria nem núcleo familiar sólido na região.



you can laugh at pain?



3. Documentos, tecnologia etc.: a Rimobiliária acredita que o bom-humor é o melhor documento. Sem essa lenga-lenga de comprovante de renda do avô, matrícula de imóvel em Praia de Leste (PR) e extrato bancário que denuncia de que maneira você gastou R\$ 714 em uma terça-feira, 4h51. Documento é *booorriing* e toma muito tempo: apresente uma cópia de seu RG (ou de qualquer amigo) e tá tudo certo. Aqui, dupla verificação é quando você percebe que o copo está vazio e logo abre o segundo vinho, tará! Copo cheio novamente. Um brinde!

4. Cláusula Carpe Diem: na Rimobiliária, não existe multa rescisória de aluguel. Se você quer largar tudo e virar nômade digital na Estônia, não tem problema! A duração do contrato é você quem faz. A vida é muito curta para calcular o aluguel proporcional devido num contrato de 36 meses — até porque não sabemos fazer isso. Resolveu abrigar seus novos amigos em condição de rua? Tudo bem, contanto que

não incluía jogadores de futebol. Não é permitido fazer churrasco no meio da sala. Aqui também não é bagunça.

5. Vistoria? Visto e RIA!: de que adianta alugar um apartamento super bacana se você tem a obrigação de devolver exatamente do jeito que o retirou? Não pode pintar, não pode colar um papel de parede irado do Ronaldinho 2006 em tamanho real? E se você tiver vontade de enfileirar mãos francesas só pela pira de imaginar prateleiras conceituais? Na Rimobiliária tudo é *custom-full* e *custo-free!* Reclamaremos se você devolver o imóvel como estava. Lembramos (*in memorian*) do saudoso Joca do Posto, que instalou uma bomba de combustível dentro de seu apartamento. Explodiu? Explodiu. Mas era bem legal abastecer o carrinho das crianças ou observar os mais jovens beberem álcool escondido no sábado à noite.

6. Restrições amigáveis: você quer rir, a gente quer rir. Todos queremos ficar distantes de pessoas não engraçadas, principalmente depois do expediente.

Assim, nossos apartamentos são livres de humoristas que se apresentam em bares e restaurantes ou de especiais de comédia *stand-up*. Com tecnologia de ponta (e bastante esforço maldirecionado para uma empresa), banimos todo e qualquer conteúdo de *stand-up comedy* ao se hospedar conosco. Todos ganham, todos ganham. Rá! Rá! E se chegar um humorista na sua casa, miando de bêbado, abraçado com uma amiga sua que às vezes se passa por você em eventos noturnos para não pagar entrada? Fora! Achou ruim? Escreva seu especial de comédia relatando sua insatisfação.

7. Troco na troca: sentiu-se um palhaço diante do reajuste anual do aluguel ou da correção das taxas de condomínio? Não fique assim. Na Rimobiliária, nós temos os Corretores da Alegria, trupe circense que vai até a sua casa e te explica de forma lúdica os aspectos que nem você nem a gente faz ideia do que sejam, como inflação, IPCA, Cofins, Aeroporto de Confinos e

demais chatices. O boleto pode continuar igual, mas você jamais se esquecerá do truque da berinjela.

8. Fundo emergencial realmente útil: nada pior do que fazer uma reclamação formal sobre goteiras, encaminhar a um email *boomer* deselegante como “condominiobrighella@hotmail.com” e receber de volta uma resposta tão estúpida que faz você pensar se realmente não deveria subir no telhado sozinho e parar de incomodar os outros. E outra: seguro incêndio, fundo de reserva, férias do porteiro noturno — que desgraça é isso tudo no seu suado boleto de aluguel? Para que o inquilino não se sinta constrangido por estar certo, a Rimobiliária criou um fundo automático para eventuais problemas que atravessarem seu caminho, principalmente se você mesmo os causar. É meio que a mesma coisa? Sim, mas bem diferente. Para acessá-lo em casos de emergência, basta seguir o Instagram @deu_green_nervoso e marcar mais 5 conhecidos, de preferência com senso de humor.

*I'd like to be under the sea
In an octopus' garden in the shade...*

Quando alguém recomenda um documentário da Netflix, torcemos o nariz. Não é preconceito, é heurística defensiva. A **Enclave** abriu uma exceção para *Professor Polvo* (2020) por gostar muito de polvos, embora nunca tenha encostado em um (muito menos comido).

Polvos são animais absolutamente fantásticos. Adaptam-se de maneira inacreditável, pois mudam de forma e de cor; regeneram-se; produzem e soltam tinta; movem-se com elegância (nadando ou caminhando); são discretos e mortais como um espião em plena guerra e dispõem de uma capacidade assustadora de aprendizado.

Em razão de todos esses atributos, nossos cefalópodes favoritos protagonizam fugas extraordinárias: basta fuçar o YouTube. Como o polvo Houdini; o que vai do balde à água; o que sai da garrafa de cerveja e o que surpreendeu os pesquisadores (olha só, existe uma Octolab TV...). Também podemos ver um polvo – a princípio – sonhando.

Tragicamente, polvos vivem muito pouco: machos sobrevivem poucos meses após o acasalamento; fêmeas morrem após os ovos chocarem – são dezenas de milhares, em um processo que leva meses, durante o qual ela se concentra em protegê-los e não se alimenta. Se o conhecimento passasse entre gerações, quem sabe hoje a humanidade louvasse apenas Cthulhu.

Enfim, o documentário. Chegamos atrasados a ele, mas isso não nos incomoda. *Professor Polvo*, afinal, acompanha um sujeito que ganha a confiança de um polvo, um ser notavelmente antissocial. Melancólico – e, agora, motivado –, **Craig Foster** passa a mergulhar diariamente na Baía Falsa, próximo à Cidade do Cabo, África do Sul, para visitar a nova amiga.

Uma resenha positiva com a qual compactuamos pode ser lida no Plano Crítico (e uma de espantosa má vontade, no Papo de Cinema). Da primeira, extrairemos este parágrafo:

A impressão que temos ao assistir Professor Polvo é a de que estamos mergulhando junto com ele. Sem cair no sensacionalismo típico das produções documentais voltadas ao desvendando da vida marinha e suas espécies, o documentário é pura poesia e se aproxima muito do trabalho realizado em Oceanos. Não há momentos frenéticos, tampouco ferrões musicais para acompanhar a passagem dos tubarões que ocasionalmente aparecem para os seus rituais de caça. Aqui, a beleza está na observação do polvo, suas estratégias de caça, numa narrativa que busca acompanhar o seu processo ainda 'minúsculo' até a fase adulta, com o desfecho de sua vida por causas naturais. Há momentos de tensão, principalmente quando uma espécie de tubarão decide escolher o tentacular animal como parte de sua dieta, mas não é preciso dizer que o nosso 'protagonista' sai vivo da situação e se permite ser parte da encenação desta produção audiovisual que é um primor em seus requisitos estéticos.

Entre uma ou outra pieguice (nada abusivo), contemplamos um documentário de imagens belíssimas e cenas tão impactantes que, não tivessem sido capturadas, poderiam soar como história de pescador (e não mergulhador). Além disso, o protagonista é bastante sóbrio. Isto é, o humano. Não posso falar pelo polvo.

O fato de Foster ser diretor de cinema (antes mesmo deste documentário, cuja direção nem é dele, mas de **Pippa Ehrlich** e **James Reed**) certamente o ajudou a manejar a câmera em contextos extraordinários. Aliás, ele começou a mergulhar na região em 2010: *Professor Polvo* levou dez anos para ficar pronto.

Eis um filme, enfim, capaz de aquecer corações machucados e despertar cabeças cansadas.



breaking news!

Nós, do portal Fazia Poesia, obtivemos acesso aos dados de todos os assinantes do RelevO e descobrimos* que **você**, sim, **você mesmo**, escreve poemas quando ninguém está olhando.



o galo cantou!
chegou a ***hora*** e a ***vez***
de publicar seus poemas
na internet.



**também descobrimos que você lê o RelevO no banheiro*

chamada aberta

**equipe
de poetas
2024**

Participe da chamada para a **Equipe de Poetas** do portal **Fazia Poesia** e tenha a oportunidade de publicar seus poemas em um ambiente com mais de *20 mil acessos mensais* e cerca de *400 visitas diárias*.

Faça parte e integre uma comunidade que tem contado com poetas revelações da poesia contemporânea.

As inscrições começam às **5h36** do dia **1º de novembro** e vão até às **23h59** do dia **1º de dezembro** de 2023.

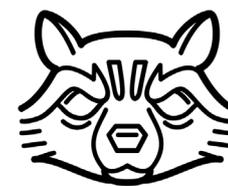
ACESSE faziapoesia.com.br
CLIQUE no artigo da chamada
LEIA o edital com atenção
RESPONDA o formulário
ENVIE seus poemas
E boa sorte.

portal
**fazia.
poesia**



@faziapoesia
contato@faziapoesia.com.br
faziapoesia.com.br

Análise do naming das principais equipes de super-heróis



Todas as histórias de super-herói, desde os quadrinhos clássicos até as recentes produções computadorizadas de Hollywood, trazem a mesmíssima lição de moral: não-seja super-herói. Não vale a pena. Se você ganhou algum poder mágico, seja por acidente, meritocracia ou pseudociência, faça um favor a si mesmo e guarde-o para você. Seja *low-profile*. Use só para se teletransportar para a sua casa em algum dia de chuva que você esqueceu a janela aberta. Não tenha conta no Instagram, não tenha uma newsletter. Não cultive seu altruísmo, não seja crente, não se envolva com nada que possa gerar qualquer carga de culpa suficiente para achar que você deve algo a alguém.

Caso contrário, uma vida desoladora o aguarda: sem benefícios financeiros à altura, sem vale-alimentação, sem reconhecimento da sociedade, sem certificados para o currículo Lattes. Como diz o ditado, não adianta se fantasiar de garçom e não querer anotar o pedido. A vida de super-herói parece ser ruim e ingrata o suficiente, mas, mesmo assim, eles continuam no radar cultural, inspirando não apenas a porcentagem nerdola da população, como também todo tipo de crianças, adultos, e adultos-criança com novidades e remediações cada vez mais empolgantes.

Tal proliferação desenfreada de séries e universos filmográficos sobre grupos de super-heróis precisa receber um pouco mais de crítica. Estamos diante de equipes fantásticas compostas por indivíduos que reúnem-se para multiplicar seus poderes e coletar bilheterias estrondosas. Fruto das mentes criativas de quadrinistas do século 20, porém, tais coletivos de mascarados carregam como herança esses nomes esquisitos e defasados no CNPJ. Quero dizer, é fácil seguir carreira solo: você pode adotar a alcunha que quiser usando como justificativa o mais abrangente panorama de características. Batman (trauma

de infância), Mulher-Maravilha (beleza natural), Homem de Ferro (tabela periódica), Hulk (onomatopeia), Demolidor (licença poética do tradutor), Mulher Invisível (ausência confirmada), Coisa (filosofia analítica) e assim por diante.

O caldo engrossa quando você precisa conciliar esse seu *background* criativo com outras mentes igualmente perturbadas. Parece que eu estou descrevendo o processo de organização de um evento literário, mas o tema não mudou: reunir uma equipe de super-heróis implica na adoção de um nome-fantasia à altura da empreitada. E eu acredito que essa decisão deveria seguir algumas normas do marketing contemporâneo. Se você, membro do público-alvo deste blog, está pensando em entrar para o mundo do combate ao crime com seus amigos, por favor, considere os seguintes parágrafos como uma lista de precauções a serem tomadas na hora de escolher um nome para a sua gangue:

Liga da Justiça

Opa, vamos começar com esse clássico. Parece quase uma escolha intuitiva: você e seu bando de super-colegas juntam os trapos para mostrar pra bandidagem quem é que manda na cidade agora. Essa “Liga da Justiça” é quase uma declaração literal, um manifesto escrito com os dois pés juntos na porta da salinha da Constituição: trata-se de uma compensação direta às brechas morais e éticas que determinadas interpretações do jogo democrático podem acabar revelando. A Liga da Justiça não quer papo, quer apenas demonstrar que as formas de governo demasiado humanas DEMANDAM alguma intervenção ali, e depois mais ali também, e ali, de novo, pelo bem do povo, claro.

Como se essa constatação não fosse escandalosa o suficiente, logo acabamos nos deparando com a, digamos assim, *elasticidade* do termo “justiça”. Não que seja algo relativo, mas temos

que ter em mente que, como já dizia Foucault, grupos sociais distintos enraizarão formas distintas de perceber como a justiça pode ser exercida. Então não são alguns parágrafos promulgados por uma assembleia legislativa que irão, de fato, orientar as ações de quem voa por aí com a cueca por cima da calça. É nessas horas que percebemos que “Liga da Justiça” se encaixa muito bem tanto como nome para super-equipe como também para facções armadas de narcotraficantes, ou como o nome do braço operacional da máfia do seu bairro, ou até mesmo como time de futebol da milícia da qual seu tio expolicial faz parte. Você esbarra em um cara numa festa, ele vira pra você, encarando-o com olhos vermelhos, e diz: “cê não sabe que eu sou da Liga?”

Em tempos de polarização política, escolher um nome como Liga da Justiça para sua trupe de atuação para-constitucional é praticamente um sincericídio. É melhor admitir logo que o objetivo do projeto é o separatismo e, literalmente, deixar as máscaras caírem.

Quarteto Fantástico

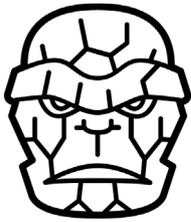
Definitivamente, na minha opinião, a pior estratégia de *naming* dentre as super-equipes elencadas no presente ensaio. É por motivos práticos: a ideia de um “quarteto” traz severas limitações quantitativas. Você e seus amigos já tomaram essa péssima decisão de entrar para a vida de super heroísmo. Daqui pra frente, terão uma carreira arriscada, um dia a dia de alta periculosidade. Precisamos ser realistas: um de vocês vai acabar morrendo. E aí? Além de todo o processo de luto, os membros remanescentes ainda por cima terão que lidar com esse problema adicional do nome, essa memória dolorosa materializada tipograficamente. Nenhuma opção é feliz. Ou é feito um processo seletivo anunciando a vaga no LinkedIn dos super-heróis e impulsionando o post (dinheiro) ou o grupo investe em uma agência de

publicidade para operar um projeto de *renaming* e *rebranding* (mais dinheiro).

Está cada vez mais raro adotar nomes como esse até mesmo em projetos menos perigosos, como bandas, conjuntos musicais, coletivos artísticos. Nenhuma banda se chama “quinteto” ou “sexteto”, porque a pessoa que trabalha com música ela já tem uma tendência bem explícita de desentender-se com os colegas e cair fora para trabalhar sozinha, para virar dentista etc. Super-heróis vivem em ambientes cheios de armas, radioatividade, laboratórios malucos e veículos supersônicos — o ambiente de música, entretanto, não é menos insalubre: álcool, drogas, boletos atrasados, parentes sem talento querendo arriscar um improviso, partituras de composições dodecafônicas. Então que tal abstrair o aspecto numérico da empreitada e focar no qualitativo? Até mesmo os Quatro Cavaleiros do Apocalipse devem estar considerando abandonar a definição exata da quantidade e abraçar de uma vez as dezenas de novas ameaças que a criativa mente humana andou disponibilizando.

Vingadores

Aí está um nome legal! Ao contrário da Liga da Justiça, os Vingadores não estão preocupados em disfarçar com alguma lorota moral as suas verdadeiras intenções: vingança, doideira, violência, o super heroísmo justificado pela dimensão visceral do trabalho (trocação de soco), e não pela suposta recompensa que é um alimento para alma (uma sociedade melhor, mais justa, com menos gente que fala gritando). O nome Vingadores sugere um empreendimento cujo pré-requisito para um processo seletivo não seria, necessariamente, ter super poderes, mas apenas ser lelé da cuca. Anda de skate muito rápido? Contratado. Faz dieta paleolítica? Contratado também. Mora em Osasco? Já tem uns pontos no currículo. Qual sua opinião sobre pegar empréstimo na Crefisa?



X-Men

Esse nome já foi um tanto problematizado pelas análises de gênero, cujo olhar sociológico sugere um certo subtexto para as fraternidades mutantes. Mudanças como “X-Persons” ou “X-People” já entraram na roda das sugestões, mas desde que Elon Musk comprou o Twitter, ficou evidente o quanto qualquer coisa que leve um “X” no nome fica parecendo mais um tentáculo da crise de meia-idade do Kiko do Foguete. E, de fato, a maior diferença entre os X-Men e a SpaceX é que o Professor Xavier ao menos não teve vergonha de assumir a calvície.

Essa camada a mais de insatisfação torna “X-Men” um nome um tanto inviável. Em sua origem, esse nome designa um grupo de super seres caracterizados pela presença do “fator X”, uma sinalização para o gene mutante trazendo, ao mesmo tempo, a inicial do seu líder. É um nome criativo, mas não envelheceu bem. Normal. É por isso que tantas empresas precisam passar por esse processo de *renaming*. A identidade corporativa problemática de hoje é aquela pingadinha a mais no mês do designer *freelancer* de amanhã.

Tropa Alfa

Nada como um nome bem-humorado para deixar o espírito da galera lá em cima. É muito legal chamar seu grupo de amigos de “tropa”. Hoje eu tenho joguinho de futsal com a tropa. Hoje eu e a tropa invadimos o Boteco do Bigode pra comemorar o aniversário do Robson. Hoje eu e a minha tropa vamos assaltar a joalheria do shopping. Qualquer grupo aleatório de desocupados ganha super poderes quando passa a ser chamado de “Tropa”, e é por isso que tem tantas equipes de super-heróis por aí que são Tropa Não Sei Das Quantas. É por isso, também, que, quando os meninos da quinta série andam juntos no recreio, eles preferem que se refiram a eles como “A” Tropa.

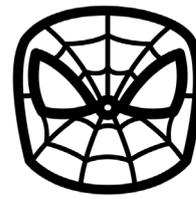


Existem alguns pontos negativos que precisam ser considerados. Evidentemente, corre-se grande risco da sua Tropa não ser levada a sério. O termo, em sua origem, tem uma conotação muito próxima das formações militares: usa-se “Tropa de Choque” e “Tropa de Elite” para designar esses grupos altamente treinados, voltados às ações táticas. O que, consequentemente, leva a fórmula da “Tropa” a ser cooptada com frequência por grupos de amigos da ala conservadora do espectro político. Nada pior para a credibilidade de alguma coisa do que virar xodó da extrema-direita. Então, se você um dia formar uma “Tropa”, tenha em mente que estará disputando espaço simbólico com os amigos do Neymar e com a Tropa dos Pais e Mães Preocupados Com O Teor da Programação Da TV Aberta.

Esquadrão Suicida

Chegamos no terreno da literalidade, no continente da nomenclatura óbvia, pragmática e inescrupulosa. Poucos nomes de grupos especiais são tão brutalmente honestos quanto o Esquadrão Suicida. Em tempos de *Search Engine Optimization*, é muito problemático levar palavras sensíveis como “suicídio”, “morte”, “Palestina” ou “violência” no nome de algum empreendimento. Pode ser que as ferramentas de busca limitem os resultados para salvar a saúde mental das pessoas que estão passeando pela internet.

Seja lá como for, o niilismo do Esquadrão Suicida é louvável, principalmente por ser um dos poucos grupos de super-heróis que tiveram um nome imposto sobre eles. Vários outros puderam escolher, mas os membros do Esquadrão Suicida chegaram lá, passaram pela catraca e já tinha cartão de visitas impresso, domínio registrado e camisa polo com o nome estampado. Isso é tipo, sei lá, arrumar um emprego de marinheiro num navio e descobrir



já em alto-mar que o nome da embarcação é S.S. Buracão no Casco. O que não é um problema, pois você tem superpoderes. A beleza do nome está aí: o *memento mori*, a insistente lembrança de que, mesmo sendo especial, você está fadado a repousar a sete palmos um dia. Então, se você e seus amigos forem suficientemente resolvidos com questões de ordem metafísica, acho bem legal e espirituosa essa atitude de escolher nomes de alto teor de auto sabotagem. Mas pelo bem do *copyright*, vamos pensar em alternativas: Esquadrão dos Sem Esperança. Os Super-Coitados. Cavaleiros da Ordem dos Desgraçados da Cabeça. Tropa dos Filhos da Puta do Caralho (obs. cuidado com o uso da palavra “Tropa”).

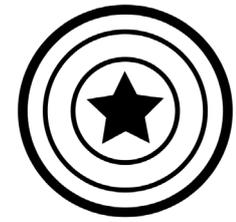
Liga Extraordinária

Sempre que nos envolvemos com grupos para tocar projetos e demais trabalhos, deparamo-nos com a inevitável figura da Pessoa Que Está Lá Mas Não Faz Nada. Ela faz parte da equipe, conquistou seu espaço talvez por carisma, por ser parente do chefe ou por ter sido sorteada em alguma rifa, mas não espere grandes contribuições. E aí você precisa dar um jeito de motivar o resto da gangue para que esse aspecto singular, essa presença maldita, não ocasione rupturas e inimizades.

Uma boa estratégia é adotar algum nome que traga afagos ao ego dos seus companheiros. Nada melhor para uma segunda-feira de manhã do que acordar sabendo que você faz parte da Liga Extraordinária, não é? Mesmo que você trabalhe só no administrativo.

Guardiões da Galáxia

É legal ser megalomaniaco. A maioria das milícias organizadas tem problemas para manter o domínio nos quarteirões do Rio de Janeiro dos quais se decreta como “controladora”, mas a gente jura que uma meia dúzia de otários vai conseguir sim “guardar”



uma galáxia inteira. Nessa categoria específica de naming, o realismo e o senso comum dão lugar aos sonhos e esperanças mais esdrúxulas. Tratam-se de nomes para equipes de super-heróis que se acham. Não que isso seja errado: se há, entre o céu e a terra, algum motivo para se achar por alguma coisa, é bom que esse motivo seja inexplicável pelas ciências.

Então, creio que é até necessária uma certa liberdade poética para escolher um nome estrondoso. Os Guardiões da Galáxia, coitados, usam esse nome porque viajam por aí em espaçonaves, visitam outros sistemas estelares, se hospedam nos piores hotéis do terceiro braço da Via Láctea. Eles provavelmente escolheriam outro nome se pudessem. Talvez algo distante do heroísmo, como Amigos da Galera ou Rapaziada Louca. Adotar nomes simples, que poderiam ser confundidos com grupos de pagode amador ou laboratórios de pesquisas universitárias da área de Humanas, é um indicativo de índole respeitosa. Mas se você quer deixar claro que a megalomania é um traço evidente entre seus parceiros, então vá em frente. Seja parte dos “Eternos”, ou do “Panteão”, ou da “Bancada da Bala”.

Jovens Titãs

Esse nome é muito ruim porque ele tem prazo de validade. Daqui uns anos, com a calvície torando e as rugas aparecendo, o grupo vai ter que mudar: vão ser os Titãs Adultos, e depois os Velhos Titãs, e mais pra frente a Academia Brasileira de Titãs. Deixar só “Titãs” como nome é uma solução ineficaz, porque já tem uma banda chamada assim (e eles não são nada jovens). Sem contar que um nome levar a palavra “Jovem” parece coisa de igreja ou de torcida organizada, duas instituições responsáveis por grandes atrasos em discussões políticas sobre os benefícios do esporte.

Jazz fusion, samba-jazz, música celta, medieval, judaica, psicodelia, rock de Manchester, rock de Detroit, Nuggets, canções jazzy de cabarés franceses e alemães, minimalismo, folk, música concreta, slogan-art, Beatles, Stones, Birds, Stereolab, Syd Barret, Bob Dylan, David Bowie, Lou Reed, Mutantes, Tropicalismo, Jovem Guarda, Bossa Nova, ficção científica, cinema, artes plásticas, Semana de 22, psicotrópicos, beatniks, sexo, mentiras e videotape.

Querer abarcar essa gama de variações é bem próprio de um espírito camaleônico. Para tanto, um ônus: a angústia da síntese. Como recensear tudo isso?

Júpiter Maçã é um espírito raro. Basta que passemos em revista artistas e bandas de rock. Cada um buscou a identidade, valor máximo que um artista pode pleitear. E de nada terá valido tantos anos de estrada se não for alcançada essa voz própria, pela qual se possa ser reconhecido.

E quando a identidade deixa de ser o paradigma? Quando, ao contrário, a quebra de expectativa passa a vigorar numa carreira, gerando inclusive muitos mal-entendidos? Como é que fica? Uma identidade que se construiria a partir de múltiplas máscaras. Esse é o caso de Flavio Basso, vulgo Woody Apple, vulgo Júpiter Maçã, vulgo Júpiter Apple, vulgo... Apple Sound?

Começou no TNT. Banda gaúcha, ainda da década de 1980. Júpiter chegou a gravar com ela apenas na Coletânea Rock Grande do Sul, mas antes do primeiro disco da banda, veio a sair, nem chegando a gravar, ainda que tivesse composto todas as músicas desse disco. O motivo alegado da saída: a banda não comprou a ideia das músicas de sacanagem. E, de fato, no segundo disco da banda, já sem a participação de Júpiter, não vamos mais encontrar o universo de “A irmã do Doctor Robert”, “Charles Master”, “Baby, eu vou morrer n’outro planeta”, “Dentro do meu carro”.

Um ano após o lançamento do TNT, os Cascavelletes, sua segunda banda, lança seu primeiro disco e pela BMG. Estamos em 1988, e entre músicas como “Mens-truada”, “Carro Roubado” e “Morte por Tesão”, todas diretas e sem subterfúgios, um caso raro na música brasileira onde a censura das *majors* vinha substituir a dos militares, a música que acabaria se destacando seria “Jéssica Rose”. E o curioso é que se destaca não pela linguagem picante que predomina no disco, mas porque abre um espaço de diferença no meio de um

rock primário — um folk da pesada, estilo que estará, a partir daí, arquipresente.

A primeira demo da banda data de antes. VORTEX é de 1987. Aqui predomina a sacanagem. “A Última Virgem”, “Estupro com Carinho”, “Minissaia sem Calcinha” são símbolos de uma geração que não era representada pela mídia. E Júpiter foi seu porta-voz, ainda que corresse o risco do precário. Nem Mamonas nem Raimundos foram tão diretos. Sua coirmã, Graforrêia, não fosse a guitarra de Birck, soaria politicamente correta e sem alma.

Mas em 1989, meses depois de uma demo gravada no Rio de Janeiro, surge o disco mais importante dos Cascavelletes e foi pela EMI-ODEON: *Rock’A’Ula*. Na sua maior parte, predomina o estilo sacanagem que acabou dando à banda sua principal marca. Mas apesar da punheteira de verão da “Nega Bom Bom”, ou da *sente no meu colo, pise no acelerador* da “Cão e cadela”, tem também: “Gato preto” — original até debaixo d’água —; “Sorte no jogo, azar no amor”, que se Bruno e Marrone escutassem, iriam querer gravar; “DISCO” que também é um estilo, ao qual Júpiter, pensando na pista, sempre recorrerá; sem contar as belas “Jéssica Rose”, já conhecida, e “Lobo da estepe”.

Depois, surge a demo dos Cascavelletes, datada de 1990. Das sete músicas apresentadas, “Rosas de amor” é de longe a mais interessante, num entrecruzamento bizarro de Ian Curtis e Johnny Cash. O restante é irregular. Mas ainda assim, dentro do seu primitivismo, podemos já realçar uma marca que o diferenciava, por exemplo, da Graforrêia Xilarmônica, banda gaúcha que participava da mesma cena: a sinceridade rasgada. Nada mais beat. Era uma ingenuidade valiosa, que refletia inclusive no timbre da voz — a velha questão da entonação. Nesse sentido, o compositor é sempre o melhor cantor.

Na segunda demo, um ano após o lançamento da primeira, destaca-se “Lobo da estepe”. A versão de “I Feel Good” é também genial, e “Se eu fosse mulher” tem um verso símbolo que não só prepara para o que virá no futuro como também expressa essa valiosa ingenuidade da qual nenhum grande artista poderá se apartar: “Se eu fosse mulher/ seria infiel,/ teria mil amantes na Torre de Babel”.

Depois, em 1992, surge um compacto com as músicas “Sob um céu de blues” e “Homossexual”. Entre 1994 e 1995, com uma banda de Mato Grosso, Os Pereiras Azuis, Júpiter começa a preparar o repertório

de um futuro disco solo (essa experiência foi inclusive registrada).

Até que em 1996, pelo selo Antídoto/Acit, com produção de Egisto Del Santo, e Glauco Caruso na bateria e percussão, Emerson Caruso no baixo, e Júpiter no resto (guitarra, violão, craviola de 12, teclados, harmônicas e vocais), sai o seu primeiro disco solo: *Sétima Efervescência*. É um corte. Foi eleito pela revista *Rolling Stone* um dos 100 discos brasileiros mais importantes de todos os tempos.

A primeira coisa a se ressaltar: a coragem da ruptura. O que poderíamos entender até como traição. Se na fase anterior predominava o puro sexo, a imagem direta, aqui é outro o paradigma: o psicotrópico, a ambiguidade e o espaço mental.

Em comparação à fase anterior, ocorre uma sublimação. Conversar talvez seja mais importante que preparar. A amizade e o amor expressam um espaço abstrato que se abre agora, sem que para isso seja necessário eliminar a intensidade vivida.

A música símbolo é “Eu e minha ex”. E, tal como o título indica, não é mais uma relação unívoca: talvez sejam *um só de novo em outro planeta, dimensão, circunstância e situação*. É a ingenuidade valiosa capaz de dizer na cara o que por si só é tão complexo. E os dois estão falando sobre suas vidas. E o que eles querem mesmo é amizade. Essa superação que é tão difícil e da qual ele desconfia não ter conseguido ainda efetuar. É uma relação ambígua, complexa, entre ele e sua ex. E, no entanto, é sua ex: ela tem *novas ideias, discos, filmes, diferentes de quando ele opinava*.

A estrutura da música é bipolar (a primeira parte é bem diferente da segunda). O arranjo sinfônico de Birck convive lado a lado com o rock dos Beatles (Birck, aqui, é o George Martin de Júpiter). E a música, tal e qual o texto, tal e qual seu arranjo, tal e qual a carreira de Júpiter, não é mais unívoca. Essa complexidade, a que se agrega a psicodelia, mais um elemento novo do qual Júpiter não vai mais se afastar, corrobora no sentido do *distanciamento do real*. O outro é o próprio eu, com o qual ele conversa em “As Tortas e as Cucas” — “falei com a minha sombra”. As mulheres são os psicotrópicos (“Querida Superhist” e “Miss Lexotan”). Em vez do Cadillac e da moto, novos espaços planetários (“Sociedades Humanóides Fantásticas”) e *um lugar do caralho*. É interessante verificarmos aqui que esse lugar ainda não é nomeado claramente, ainda que seja apartado do real, ao qual ele se contrapõe: é o primeiro

indício de uma nova estética, que chamaremos de “estética do longe”. São os primeiros passos de um novo ciclo na música brasileira, o terceiro ciclo.

Ainda que “O novo namorado” resista monocórdio, o novo paradigma é a “Essência interior” — aqui, no espaço sincrônico da canção, ele se masturba, mas está ligado na essência interior dela. Essas duas imagens contrárias, lado a lado, dão o tom a *Sétima Efervescência* e a fazem bem distante dos Cascavelletes.

Qual outro artista brasileiro terá compreendido tamanha mudança? Vale acrescentar aqui a música medieval de “Canção para dormir”, a bossa nova que se introduz em “Sociedades humanóides fantásticas” (*it’s a skylab*) e a colagem em “Sétima Efervescência Intergaláctica”. Finalizar o disco com a colagem é de certa forma afirmar a referida técnica. As partes diferentes de qualquer música sua, a partir daqui, sugerem mais um processo de colagem, tamanha a diferença entre elas, do que um desenvolvimento orgânico (talvez possamos nos remeter aqui ao disco de Ava Rocha, quase vinte anos depois, *Ava Patrya Yndia Yracema*, em que as partes diferentes de uma mesma música indicam a técnica da montagem, não mais restrita ao arranjo como se dava em Rogério Duprat no Tropicalismo, mas fazendo parte do próprio processo composicional das canções).

Plastic Soda, de 1999, fim de século, é uma nova virada. Ele já anunciava em “The Freaking Alice”, que por sinal tem o verso mais poético de sua obra — *seus pezinhos embarrados por pintora*. Mas nessa música, ele afirma: “toda mutação acaba sendo evolução”. E ele agrega agora a Bossa Nova.

O disco, elogiado por Caetano e Tom Zé, receberia alguns prêmios: troféu Açoriano do RS e APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte). A essa altura, Júpiter se afirmaria como um dos nomes mais importantes do Sul. A maturidade é expressa em versos como: “Talvez não vá demorar muito tempo,/ a sombra de um homem crescido surgir”, em “Welcome to the Shade”. O disco, todo composto em inglês, confirma a trajetória de sublimação, iniciada em *Sétima Efervescência*. Em “Over the Universe”, ele diz: “Fonte do amor astronômico metafísico,/ o foguete toca o céu/e vai diretamente do meu coração para o seu”. Uma outra face dessa sublimação, o real passa a ser reflexo do eu: “Você vê o rapaz e a empregada em flor,/ talvez sejam apenas seu reflexo o

tempo todo”, em “A Lad & a Maid in the Bloom”.

Se algumas canções continuam a experiência da psicodelia do disco anterior (“Sambe Groove Theme”, “24 Hours Nude”, “Head Head”, “The True Love of the Spider”), a novidade serão aquelas limpas de distorção e que acentuam a beleza das canções. É o caso de “Morning Intuition Man”, ainda que nesta, além das cordas e da voz a nos dar a sensação de distorção e desafinação, tem em seu final uma colagem de sons, artificialmente introduzidos, que sublinham o caráter complexo e experimental de sua obra. Mas “Bridges of Redemption Park”, “Over the Universe”, “Plastic Soda” e “Welcome to the Shade” mostram um outro lado do compositor: são canções limpas, belas e tranquilas. O que não diria dessas canções o libidinoso adolescente que se criou ouvindo Os Cascavelletes?

Quando apareceu *Hisscivilization*, o susto não foi menor. Também pudera. Se quase foi abolida aqui a psicodelia, por outro lado são agregados o minimalismo e a música concreta. O texto perdeu sua importância. Se no disco anterior, composto em inglês, o texto já perdia força e podíamos apenas flagrar aqui e ali bons achados poéticos, já em *Hisscivilization*, Júpiter se debruça no som e produz um disco digno de um Egberto Gismonti ou Edu Lobo. Disco de texturas e muitas camadas, em que o teclado (sintetizador, órgão e moog) é arquipresente. Não podemos esquecer Cuca Medina (em *Sétima Efervescência*) e Astronauta Pinguim.

A voz feminina (Thalita F Jones) torna-se importante em *Hisscivilization* e deixa de ser presença secundária. Além disso, valoriza-se a linguagem oral. É o caso de “Overture and the Something Else” e “In the Presence of Zogh Zucchini”. Em “Metrópole”, o riso feminino e espontâneo ao final da faixa, procedimento ao qual Júpiter vez por outra se utiliza, mostra o quanto seu trabalho assimila o acidental.

Se a música concreta e industrial está presente, principalmente ao final das faixas, como é o caso de “Homeless and the Jet Boots Boy”, “Overture and the Something Else”, “In the Presence of Zogh Zucchini”, também nessas o minimalismo, que nos remete a Philip Glass, marca presença.

Foi mais uma virada porque, se no disco anterior a novidade eram as belas e simples canções bossa-novistas, em *Hisscivilization*, Júpiter retoma o que talvez seja sua maior característica: a complexidade, seja da própria composição, constituída de partes bem diferentes entre si, seja do arranjo, integrando diversas técnicas numa mesma faixa. Essa saturação de elementos me faz lembrar a banda de interior que é inserida ao final de “Pyrus Malus et Fragaria Vesca”.

Bitter aparece em 2007, na verdade sua gravação é posterior ao disco que viria em seguida. Mas serve como mais um contraste.

Dessa vez não é Thalita, é Bibmo. A gravação é feita numa tomada só, os arranjos são simples, e o camaleão nos oferece um desfile de máscaras. Um retorno ao velho rock and roll, do qual seus fãs se sentiam ausentes. Simples e coeso. Bob Dylan reaparece em diversas faixas: imitá-lo, como Júpiter o faz, pode dar a dica do seu método de trabalho. Mas não é só Dylan. Em “Clowns”, Johnny Rotten; em “Exactly”, que já constava do disco anterior, os irmãos Gallagher; em “Down Mith Girl”, Lou Reed. Descubra você onde está Iggy Pop, David Bowie ou Jefferson Airplane.

Diziam-me, algum tempo atrás, que Júpiter só olha o umbigo. E foi mesmo essa impressão que tive ao ser entrevistado por ele na MTV. Ao menos o Jô estuda antes a pauta, há uma pré-entrevista, ele não entra vendido no lance. E naquela entrevista da MTV, ou a produção não deu a Júpiter as informações, ou, se deu, ele as desconheceu. E entrou vendido no lance. Ali, tive a certeza de que o umbigo é o seu livro. Mas ao me debruçar em sua obra, mais uma rasteira. Porque seu trabalho é justo o contrário: não é seu umbigo, é o mundo; seu método de trabalho é quase uma mimésis e *Bitter* nos mostra isso com clareza (essa relação mimética talvez nos remeta a umas das tendências desse terceiro ciclo da música brasileira, que é a tendência nostálgica, passadista, dentro da lógica evasiva que perpassa esse ciclo).

Uma tarde na fruteira é sua obra-prima. Súmula das súmulas, o camaleão finalmente consegue dar a síntese dos caminhos já trilhados. Era a angústia do camaleão: fazer o recenseamento; colar o espelho partido. Porque se sua essência é a fragmentação, sua angústia também o é. Daí seu desejo de juntar pedaços. Se, nos discos anteriores, esse desejo se manifestava, ainda assim estava longe do equilíbrio alcançado agora.

Mas a sensação de rasteira que sempre sentimos ao nos debruçarmos sobre ele, estranhamente, aqui desaparece. Justo na sua obra-prima, na súmula das súmulas. Até em suas apresentações ao vivo, que faziam muitos dos seus fãs se descabelarem revoltados, a rasteira era aplicada. Nunca a apresentação era a reprodução do disco. E nem havia como ser. Não só pelas dificuldades técnicas, mas principalmente pelo seu *modus operandi*: sempre ser outro. A justificativa das drogas e do álcool é secundária. Se não fossem eles, seria outro o motivo. Mas o Júpiter do disco não é mesmo o Júpiter ao vivo. E isso se integra ao sentido geral do seu trabalho.

“A marchinha psicótica de Dr. Soup” serve como uma bela alegoria do espelho partido: é o *mosaico de imagens mil*. No disco, a língua portuguesa é retomada. A palavra é sempre mais conservadora que a música. O que não dizer então da imagem, mais conservadora ainda porque congela à superfície o movimento profundo dos sons.

E esse é o disco mais plástico de Júpiter. Mas a imagem, ainda assim, é complexa: Woody Allen, Allen Ginsberg e Bob Dylan num mesmo ser.

Em seguida, o “Tema de Júpiter Maçã” retoma o recenseamento. Não é à toa que, mais adiante, em “Mademoiselle Marchand”, música de estrutura complexa em que a primeira parte, constituída por acordeom e judaísmo, dá lugar a um rock sessentista, ocorre esse verso: “existem antiquários hoje em mim”.

E cada faixa traz à tona uma faceta já explorada: a música celta (“As mesmas coisas”, “Plataforma 6”), a MPB tropicalista (“Um sorvete com você”), o orientalismo (“Beatle George”), a Bossa Nova de Sérgio Mendes (“Carvão sobre tela”), o samba-jazz (“Plataforma 6”), a música judaica (“Mademoiselle Marchand”), a música eletrônica (“Base primitiva”), a música de pista (“A menina Super Brasil”), a música concreta (“Viola de aço”), o folk (“Little Raver”), o jazz fusion (“Plataforma 6”), a psicodelia (“As mesmas coisas”), o minimalismo (“Viola de aço”). Neste último exemplo, incide outra faceta já comentada: a incorporação de acidentes, erros e acasos (uma falha no equipamento leva Júpiter a improvisar um folk, no qual fala do defeito e o insere na música).

Mas nada se compara a “Casa de mamã”. Se, em *Sétima efervescência*, “Eu e minha ex” é a música-síntese, exprimindo uma nova relação mais complexa e menos direta, “Na casa de mamã” é a consolidação de um estilo. É o que há de mais bipolar na MPB, seja na estrutura melódica, seja na estrutura poética. “Me sinto um pouco decadente, mas com estilo”. As frases de Júpiter são sintéticas, no melhor estilo inglês, e isso vem desde sua aprendizagem no TNT e nos Cascavelletes. Mas aqui ele se supera. Como se a decadência estivesse ligada a esse esforço de fixação de um estilo, um esforço de identidade. Ainda que permaneça cult underground, como na marchinha, ele já visualiza em 2020 a sua transformação para hit nacional. *Na Fruteira*, sua ansiedade é finalmente estancada. Se chá e cachaça, ou serenidade e histeria, perpassam a “Casa de mamã”, não haverá melhor retrato de uma obra que primou pela diferença e pela identidade. E se em minha abordagem optei por acompanhá-lo desde os primeiros passos, tentando flagrar mutações e desvios, sobretudo suas imitações, foi sempre no sentido de tomar partido pela Diferença. A herança cultural lhe permitiu se perder, fugir de si e enraivecer os fãs. Poucos compositores foram capazes de ir tão longe. Mas seu último gesto sintetiza tudo: *Uma tarde na fruteira* contém todos os frutos e permite, finalmente, que ouçamos Os Mutantes e encontremos Júpiter. Essa situação absurda, que levou Borges a pensar os poetas fortes como criadores de seus próprios precursores — Kafka criou

Browning — é “o triunfo de haveremos colocado de tal modo o precursor em nossa própria obra, que determinados trechos da obra do precursor parecem ser não presságios de nosso advento, mas antes devedores de nossa realização e até mesmo diminuídos por nosso maior esplendor” (Bloom, 2002, p. 191–192).

Ainda assim, não acredito que *Na Fruteira* seja o último gesto, até porque seu hímus criativo vem da mimésis. Já ouvi murmúrios sobre “Apple Sound” e “slogan-art” — repetição do slogan poético e do som organo looped. Ou seja, novas paixões que o levariam a “errar” mais. A grandeza da *Fruteira* é seu grande fracasso. Mas, sem ela, não poderíamos entender o dualismo: sem ela, não ficaria o registro de um eu eternamente errante.

É sobre esse aspecto que coloco em questão algumas observações de Jorge Cardoso Filho e Pedro Silva Marrano no texto *Do underground para o mainstream sem perder a categoria: análise da trajetória de um músico gaúcho*. Em primeiro lugar porque as categorias referidas, “underground” e “mainstream”, no atual estágio da música planetária, com o colapso de vendas da grande indústria e as novas relações entre público e artista, via internet, vêm sofrendo profundas transformações.

O mundo deixou de ser underground. E a tendência, ao que tudo indica, também não é o mainstream. Daí porque traduzo, como o alvo principal de uma proposta poética, a conquista de sua autonomia. O poeta forte, segundo Harold Bloom, é aquele que atinge sua singularidade. Deveríamos então traduzir “mainstream”, na frase enigmática de Júpiter — “passar para o mainstream sem perder a categoria” — como o reconhecimento de uma voz própria, finalmente conquistada, o que para Júpiter passa por uma abrangência e complexidade, longe do segmentarismo. Diante de um público médio que cada vez mais tem acesso à informação em razão da internet, o mainstream é o múltiplo e o complexo.

Daí porque me parece absurda a ideia que identificasse na trajetória do artista alguma derrota, expressando o desacordo entre projeto poético e recepção. Até porque seus projetos são de extrema plasticidade, tal e qual um caleidoscópio.

A ESTRANHA MORTE DE MADALENA XAVIER

O olho esquerdo de Madalena Xavier se fechou para sempre, o direito se arregalou até quase desprender da órbita, os livros que carregava caíram de seus braços e seu corpo desmoronou como se os músculos tivessem se liquefeito de uma hora para outra. Tinha trinta e tantos anos e era a mulher mais bonita que já tínhamos visto.

Os legistas não conseguiram determinar a causa da morte. O que a princípio pareceria um infarto ou um aneurisma prematuro ganhou contornos misteriosos quando se constatou a desordem interna de seu organismo. Como peças ainda embaralhadas de um quebra-cabeça, cada um de seus órgãos ocupava o lugar de outro, em uma anatomia inédita e impossível. Seu coração estava no antebraço direito. Os intestinos esticavam-se em espirais ao redor do fêmur. O baço estava na testa, comprimido dentro do crânio ao lado do pulmão, por cima dos ovários. O cérebro estava encaixado dentro da bacia.

A coisa era de tal modo inverossímil que decidiu-se que não era real. O caso foi abafado e os médicos, julgando mais fácil duvidar da memória e dos sentidos que da própria concepção de realidade, atribuíram a necropsia inaudita a um delírio coletivo. Foi enterrada antes que os boatos vazassem e, quando vazaram, ninguém lhes deu crédito.

Eu também não acreditava em magia até conseguir colocar em ordem os acontecimentos. No dia da morte, não vi Giovanni Belinati. Assim que as ambulâncias levaram o corpo inconsciente de Madalena para o hospital, julguei que tinha o dever de avisá-lo do ocorrido. Encontrei-o na ala de emergência, quando a morte já tinha sido confirmada. Giovanni tinha os olhos inchados e o cabelo desgrenhado. Batia na parede falando consigo mesmo: Me desculpe, Madalena, eu não sabia...

Como não se conseguiu estabelecer qualquer possibilidade de homicídio a partir da autópsia, ninguém

pode acusá-lo de nada. A verdade era que todos os fatos depunham a favor de sua inocência. Madalena, recém-chegada de uma longa estadia em Porto Alegre, não via Giovanni há mais de um mês.

Eu teria aceitado esses eventos como parte da cota razoável de impossibilidades acontecíveis que a consciência comporta se, à lembrança do comportamento de Giovanni nos hospital, não tivesse se somado mais uma evidência de seu envolvimento sobrenatural no caso. No dia do enterro, o terceiro após a morte, segui Giovanni pelas veredas do Cemitério Israelita até o altar das velas, onde o vi com um envelope de carta na mão. Com ar grave, Giovanni depositou o papel sobre as chamas e saiu apressado, com o gorro na cabeça e as mãos nos bolsos. Resgatei o texto apenas parcialmente chamuscado.

Tratava-se de uma espécie de feitiço verbal de curta extensão proferido pela própria carta, em primeira pessoa, em que ela propunha se sacrificar em troca da expiação dos pecados de Giovanni. Que a minha combustão apazigue a angústia daquele que não compreendia o que estava fazendo. Queimando expurgarei Giovanni Belinati da culpa pela morte de Madalena Xavier, porque isto que teve mana de matar, isto também terá mana de redimir.

Mantive distância — da história e de Giovanni — até alguns meses após a morte de Madalena. Na última semana do inverno, quando já não conseguia suportar na consciência a mácula da covardia, abordei Giovanni algumas quadras abaixo da universidade.

— Não há razão para esconder nada agora, respondeu, protegendo-se da chuva sob a marquise. A verdade é tão absurda que posso gritá-la em voz alta. Eu matei Madalena, tive a intenção de fazê-lo e sou culpado, embora minha grande falta tenha sido excesso de inocência. — Como?

— Pergunte ao Émile. Como ele te dirá, foi uma demonstração totalmente inesperada do poder da linguagem.

Émile, quando lhe perguntei, contou que Giovanni o procurara há mais ou menos um mês curioso a respeito do vodu haitiano. Não pudera, contudo, ajudá-lo: filho de pais católicos e devotos, Émile crescera assombrado pelos ubíquos boatos a respeito dos zobop.

— Mas ele não entendeu, me disse Émile. Ele queria saber. Perguntou se eu sei fazer os bonecos, mas eu nunca vi nenhum boneco.

— Giovanni te contou por que ele estava interessado? Em vodu haitiano?

— Ele queria aprender magia. Magia de imitação. Eu não podia ajudar ele. — Você orientou, de algum modo? Recomendou o contato de alguém? Talvez um livro? O haitiano, que já falava português muito bem, fingiu que não tinha entendido e respondeu em crioulo para que eu não entendesse. Eu já tinha, de qualquer modo, pistas suficientes para elaborar uma hipótese que, se não era verossímil, ao menos era coesa.

Voltei a conversar com Giovanni na semana seguinte, quando ele me recebeu em sua casa. Suas mãos tremiam enquanto servia o uísque.

— Giovanni, disse a ele, sentado na cadeira oposta à sua, compreendi, ao menos em parte, o que aconteceu. Mas um detalhe ainda me escapa.

O copo aguardava, a meio caminho.

— Émile não acredita no vodu, terminei.

— Ele não professa, mas sei que acredita porque tem medo. Ele me disse que conheceu no Haiti pessoas que, uma vez levadas a uma cerimônia de vodu, nunca mais voltaram a ser como eram.

— Ele não conhecia a prática dos bonecos.

Giovanni confirmou com a cabeça.

— Apesar disso, Maria está morta, continuei. E você me disse que a matou. Você só pode tê-la matado de longe, sem tocá-la, sem intermédio de objetos. Isto é, por magia. Entendi bem até aí?

— Irrepreensivelmente.

— Então você aprendeu por outros

meios a fazer os bonecos?

— Vou deixar que você veja com seus próprios olhos.

Giovanni se levantou e saiu da sala. Quando voltou, tinha nas mãos manuscritos.

— Está aí. Que os deuses que existirem, se existirem, julguem meus atos. Eu amava Madalena.

Eram quatro e cada um continha um texto diferente de extensão aparentemente idêntica. O primeiro deles começava com uma tentativa de descrição psicológica de Madalena Xavier. Era uma prosa truncada, repleta de frases de sagacidade duvidosa, ainda que plenas de convicção. Madalena tem em si o impulso moral enfraquecido por sua contenda psíquica contra a tendência narcisista, ainda que seja sempre bondosa com as pessoas pelas quais tem estima. A culpa funciona para ela como uma espécie de remissão tardia da sua impulsividade irrefletida, bem como um salvo-conduto para a expressão incontida de seus impulsos futuros. Depois de parágrafos assim, Giovanni, em um transição inábil, traçara a narrativa das idas e vindas da sua relação com Madalena. A aproximação tímida nos cafés do Centro, a inventividade erótica das primeiras noites, a súbita distância de Madalena e o ressentimento solitário de Giovanni; tudo estava lá nas linhas claudicantes da prosa de meu colega.

O segundo texto, por sua vez, era muito semelhante ao primeiro. Tinha mais ou menos as mesmas palavras, em uma ordem aproximada, mas algumas inversões de ordem faziam as sentenças soarem estranhas, para lá do limiar da gramaticalidade. O terceiro era uma exacerbação deste procedimento. Os agrupamentos de palavras sequer formavam verdadeiramente sentenças e só pude projetar algum resquício de sentido textual naquilo porque reconhecia ali o fluxo lexical aproximado do primeiro e do segundo texto. Como seria de se esperar, o último dos textos levava essa estratégia de rearranjo ao paroxismo. Na verdade, se

eu não tivesse lido os passos precedentes, o quarto manuscrito me pareceria um conjunto aleatório de letras, sinais gráficos e espaços. Só a progressão dos escritos me permitia intuir que o número total de cada um dos caracteres se mantinha rigorosamente o mesmo entre o primeiro e o terceiro texto.

— Ainda não entendo, confessei.

— Quando conversei com o Émile, estava interessado nos veículos de magia imitativa. Acredito que exista uma parte de nossa consciência que confunda semelhança com identidade, identidade com domínio. Por isso, em várias sociedades, práticas mágicas atribuem um poder aos objetos intimamente ligados a alguém. Os bonecos de vodu são um epifenômeno da magia imitativa. Cria-se um boneco análogo a uma pessoa e espera-se que a pessoa sofra analogamente ao boneco.

— Mas Émile disse que eles não são comuns de verdade no vodu...

“Parece que não, realmente. Mas os bonecos não são o único tipo de magia imitativa que existe. Quando conversei com Émile, ele me contou sobre um tipo de brincadeira infantil, em que se escrevia as coisas que não aconteceram, acreditando-se que, escritas, teriam mais chance de acontecer. Refletindo, percebi que isso é também um modo de magia imitativa. Apenas que neste caso a imitação é textual, a mimesis. Foi essa prática que me inspirou. Fiz um boneco de Madalena que não era de pano, mas de palavras. Meu boneco de vodu foi o texto.

Primeiro escrevi uma descrição da alma de Madalena, continuou Giovanni, tão bem quanto pude. Depois escrevi nossa história juntos. Amparado pela memória, tentei recuperar seu rosto das lembranças. Fiz um grande esforço para descrever com justiça seus gestos e toda particularidade de sua linguagem. Em uma tarde, estava feito meu boneco. Agora bastava destruí-lo.

Comecei invertendo sintagmas dentro das frases como quem desembralha um quebra-cabeça. O resultado era apenas ligeiramente estranho e

não houve magia. Em outra tentativa, inverti as palavras livremente até obscurecer completamente o sentido. Mais uma vez, sem efeito.

Claro que, enquanto fazia isso, motivado por um ressentimento rancoroso, não pensava que realmente tinha poder sobre Madalena. Tinha raiva dela. Em certo âmbito consciente e superficial da minha atividade psíquica, desejava-a morta, embora não ache que alguma vez fui capaz de desejá-lo verdadeiramente. Só fiz o que fiz porque não acreditava na magia, pensava que eram apenas artifícios para entreter a consciência, brincadeiras dos povos primitivos. Imitava um feiticeiro com determinação porque desacreditava da feitiçaria. Mas, assim que fiz a última operação, tornando o texto um emaranhado desconexo de símbolos, uma mancha negra turvou minha visão e o ar foi inundado pelo fedor de enxofre. Demorou dez minutos para que meu telefone tocasse com sua ligação.

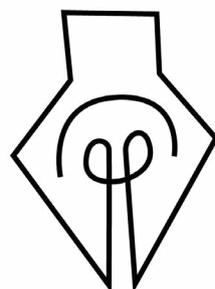
De início, não acreditei que tivesse assassinado Madalena. Em negação, fui até o hospital gargalhando nervosamente da coincidência entre o mal súbito dela e meus sortilégios de diletante. Só quando ouvi do seu pai o resultado absurdo da autópsia que tive que admitir para mim mesmo a realidade da magia — e da minha culpa. A desordem dos órgãos era o análogo biológico da desordem textual dos signos da escrita.

Em uma tentativa desesperada, acreditei mais uma vez no poder mágico da linguagem. Escrevi em um pequeno papel um contrato com o universo, esperando, como as crianças da memória de Émile, que as divindades criassem a realidade. Isto que teve mana de matar, isto terá mana de redimir, eu pensava. Mas não funcionou. Dizem que é mais difícil reverter as consequências dos feitiços que lançá-los. Queimei o papel no altar do de vela, mas não me livre da culpa.”

Giovanni terminou de falar e virou em um só gole o que restava em seu copo. Por muitos meses, o assassinato de Madalena ocupou integralmente

minha consciência. Não havia dia em que eu não lembrasse dela, não havia dia em que eu não amaldiçoasse Giovanni. Como um tolo, diversas vezes olhei para este manuscrito inacabado, me perguntando se, ao desorganizar os seus caracteres, eu conseguiria matá-lo como ele pudera matá-la. Há algumas semanas, escrevi este pequeno texto em uma folha de caderno: Eu, papel, me sujeito ao sacrifício para poupar meu autor da lembrança do amor que nutria por Madalena Xavier. Que a minha combustão apazigue a angústia daquele que não teve culpa nenhuma nos acontecimentos que lhe afligem. Isto que teve mana de matar, isto também terá mana de redimir. Queimeio nas velas da Igreja Ucrainiana, cuidando de acompanhar, vigilante, a combustão até o fim. Não posso dizer que a magia funcionou completamente.

Hoje de tarde, pensei em devolver às chamas o feitiço escrito por Giovanni, que às vezes já me parece um amigo, cúmplice da mesma dor. Quem sabe amanhã eu consiga.



FLESCH'S NOTES
Costurando cadernos • Realizando sonhos

Chamamento

Um trecho de Maria Gabriela Llansol:

“A verdade não é subjectiva, nem objectiva mas o contorno final e acabado da vida de cada um: a resposta dada, com recta intenção, ao justo apelo. Perguntar ‘quem sou’ é uma pergunta de escravo; perguntar ‘quem me chama’ é uma pergunta de homem livre”¹.

Gosto de pensar o vento, o barulho das folhas balançando, uma onda quebrando na praia, meu gato bebendo água e qualquer som escutado com atenção como um chamamento. O mundo, aí, existindo o suficiente para captar sutilmente os sentidos, como um quebra-cabeça feito de peças aleatoriamente achadas na rua, que não encaixam mas carregam, em comum, o olhar que as cruzou.

Conheço alguém que juntou um baralho incompleto só de cartas achadas na rua, e pensei naquele trecho de *The Waste Land*² que uma clarividente lê cartas, umas conhecidas, outras misteriosas e uma faltante. Brincamos: e se a voz narrativa derrubou as cartas na rua, e você as achou? Claro, não é realmente possível, mas o brincar alude a alguns mistérios que honro e respeito. Um deles, “quem sou eu?”, o outro “quem me chama?”. Um terceiro, a penumbra que essas duas perguntas, uma tão próxima da outra, cria.

Rainer Maria Rilke aconselha “procurar amar as próprias perguntas como quartos fechados ou livros escritos num idioma muito estrangeiro”³. T.S. Eliot diz que um bom poema é capaz de emocionar até alguém que desconhece sua língua, mesmo podendo estar bem enganado quanto ao significado⁴. É possível que as respostas de ambas as perguntas seja esse exato poema que traiu o ouvinte. E que, passada a frustração, é inegável que o choro precisava sair. O que o chama?

★

O absurdo não está nem no indivíduo, nem no mundo, mas no meio, afirma Camus. Entre as duas perguntas, o absurdo da resposta desmontada. O absurdo, esse quebra-cabeça de sobras.

Para o filósofo argelino, procurar a resposta, crer nas peças faltantes como direito, como falha pessoal, é abandonar o absurdo e, portanto, pender para o suicídio⁵. Acho interessante que, por alguns anos, pesquisei Camus procurando minhas próprias respostas, mas, a cada vez que julguei ter encontrado uma, a pedra rolava novamente para a base da montanha – algo não encaixava. Na época que estudei o absurdo, debatia muito sobre destino. Rilke, novamente, tem uma visão linda sobre isso:

“É preciso – e a nossa evolução, aos poucos, há de processar-se nesse sentido – que nada de estranho nos possa advir, senão o que nos pertence desde há muito. Já se modificaram muitas noções relativas ao movimento; há de se reconhecer, aos poucos, que aquilo que chamamos de destino sai de dentro dos homens em vez de entrar neles”⁶.

Mais uma vez, “quem me chama?” e “quem sou eu?” em valsa. Tornar-se, verbo transitivo. Uma linha invisível que traciona o questionador em direção ao que precisa ser perguntado, e não à resposta. Um clarão e um desmoronar de pedras. Luz e mistério. Uma árvore que cresce ao contrário: primeiro os galhos suspensos no ar e, então, indiferentemente do caminho que tomam, o caule todo pronto e, depois, as raízes. Mas a conta ainda não fecha. A vida invertida de uma árvore não acaba na raiz. Cientistas falam sobre redes de fungos que interligam raízes⁷, numa comunicação ainda sob estudo, com seus próprios mistérios. Mistérios. Não aquilo que já foi respondido, mas o que, mesmo o sendo, não cessa de ser perguntado.

De onde chama quem chama, e onde acaba o chamamento?

★

Espinoza afirma que os entes, tomados individualmente, são modos da substância infinita, do ser⁸. Gosto de me pensar como sendo um modo de algo maior, assim como tudo que idiossincriticamente existe ao meu redor — o gato que agora dorme largado no sofá, o pássaro que canta lá fora,

longe do meu olhar. Esse algo maior sendo o mistério do ser, do devir e dos fungos trabalhando em subsolo, e do porquê assim o fazem. Esse algo maior como sendo o absurdo, e a insistência das faltantes cartas de baralho em se esconderem. O enforcado da Madame Sosostri⁹, que teve um resfriado forte, mas era a mulher mais sábia da Europa, e a dúvida que essa construção sintática que privilegia a doença sempre me causou. A imagem forte do cachorro que desenterra os ossos dos mortos no quintal por ser o melhor amigo do homem, e a tração que esse e outros poemas exercem em mim, apesar de eu não poder afirmar que os entendo. Entender: apreender, tomar para si; não creio que nada possa ser realmente entendido.

Há alguns meses, sonhei com um cachorro. Ao chegar mais perto, percebi que ele tinha sete pulgas. Chamei-o de um cachorro e sete pulgas, porque as pulgas não são o cachorro, apesar de não poderem ser vistas a olho nu. Como entender o cachorro, se ele tem sete pulgas que reconheço, e não sei mais quantas coisas ao redor e dentro de si? A divisibilidade do que parece uno, e a árvore do jardim que em sua entranha intimamente conversa – com quem? E o que define o uno?

Encanto-me quando Maria Gabriela Llansol relata:

“Tenho vivido muito com gatos, com um cão, plantas (e já vivi com galinhas), com seres-humanos e com essa Presença insistente na minha proximidade. O que aprendi é que todas estas formas da mesma imagem se relacionam entre si e que a palavra é uma forma de comunicação rara, mesmo entre seres-humanos, e não é, de modo algum, a mais fiável. Tudo comunica por sinais, por regularidades afetivas, por encanto amoroso, por perigo de anulação. Tudo comunica por incompreensão”¹⁰.

Repito-me, na esperança de enfim ser compreendida e assim compreender. Mas cada repetição parece um vórtice. Para onde? E como aceitar a

imprecisão do dito, do reiterado e do que, vendada, comunico por trás das palavras que saem? Os outros, pessoas, bichos e plantas, estão constantemente vibrando algo que entra em mim mesmo sem que eu perceba. Não conheço, sequer, as balizas do meu próprio conhecimento, e repito-me, e ecôo excertos, como outros já se repetiram e ecoaram, numa intensa trama que coleciono:

“Você diz que repito

Coisa que já disse antes. Direi de novo.

Digo de novo? Para poder chegar lá, Para chegar aonde está, para sair de onde não está,

Você tem de seguir uma via onde não existe êxtase.

Para chegar ao que não sabe Você tem que seguir um caminho que é caminho de ignorância.

Para possuir o que não possui Você tem de seguir o caminho da privação

Para chegar ao que não é Você precisa passar pelo caminho em que você não está.

E o que você não sabe é a única coisa que sabe

E o que você tem é o que você não tem

E onde você está é onde não está.”¹¹

Nado livre em um quebra-cabeça de trechos, citações e poemas que gosto, que intempestivamente reverberam em minha cabeça como música de rádio. Alicerces que aparecem quando preciso, sem nem perceber que preciso. Amuletos que guardam muito do que foi falado antes de mim, com a talvez única similaridade de terem sido achados por mim no caminho, e agora reunirem-se em coleção. Ainda assim, insisto em falar, como criança que canta a letra da música errado, por incompreensão, e que, ao fazer, adiciona mais uma camada na música. Esta é agora a música que uma criança cantou errado; e quantas outras, também. Quantas outras crianças e músicas. Quão a profundidade que uma só canção tem no mundo, quão a profundidade que uma só criança também tem.

Quanto os fios bordados que unem tudo isso, e quanto buracos entre os fios que não são para serem captados, e a vertigem do olhar.

Simone Weil: “os bens mais apreciados não devem ser buscados, mas esperados. Porque o homem não pode encontrá-los por suas próprias forças”¹². Escolho ficar de pé na opaca sombra das perguntas cintilantes, enquanto valer que elas ainda sejam perguntadas. Na espera, não por quem chama, mas pela próxima e, ao seu modo, única peça.

1 Maria Gabriela Llansol. **Um falcão no punho**. Edições Rolim, 1985, p. 139.

2 T.S. Eliot, 1922.

3 Rainer Maria Rilke. **Cartas a um jovem poeta**: A canção de amor e de morte do porta-estandarte Cristóvão Rilke. Editora Globo, 1998, p. 37.

4 T.S. Eliot. Selected Prose. Peregrine Books, 1965, p. 53.

5 Albert Camus. **O mito de Sísifo**.

6 Rainer Maria Rilke. **Cartas a um jovem poeta**: A canção de amor e de morte do porta-estandarte Cristóvão Rilke. Editora Globo, 1998, p. 64.

7 Merlin Sheldrake. **A trama da vida**: como os fungos constroem o mundo. Ubu editora, 2021.

8 Baruch Espinoza. **Ética**. Editora Autêntica, 2016, p. 12.

9 T.S. Eliot. **The Waste Land**. 1922.

10 Maria Gabriela Llansol. **Lisboaleipzig**. Assírio & Alvim, 2014, p. 150.

11 T.S. Eliot. **Poemas**. Companhia das Letras, 2018, p. 249.

12 Simone Weil. **Espera de Deus**. ECE, 1987, p. 95.



Já imaginou se a cena mais famosa pintada por Debret ganhasse movimento?

E se Debret adotasse como discípulo um escravizado retratado por ele?

Não é curioso que recentemente o primeiro imperador havido nestas terras do Pau-Brasil tenha sido exumado para o deleite de quem tenha curiosidade de conhecer seus ossos e vestes fúnebres?

Flávio Sanso, autor do livro Viva Ludovico, lança o romance “A boa lição” (leia rápido, repetidamente e perceba o efeito), em que as divagações acima se entrelaçam em uma narrativa que mistura fatos históricos e ficção.

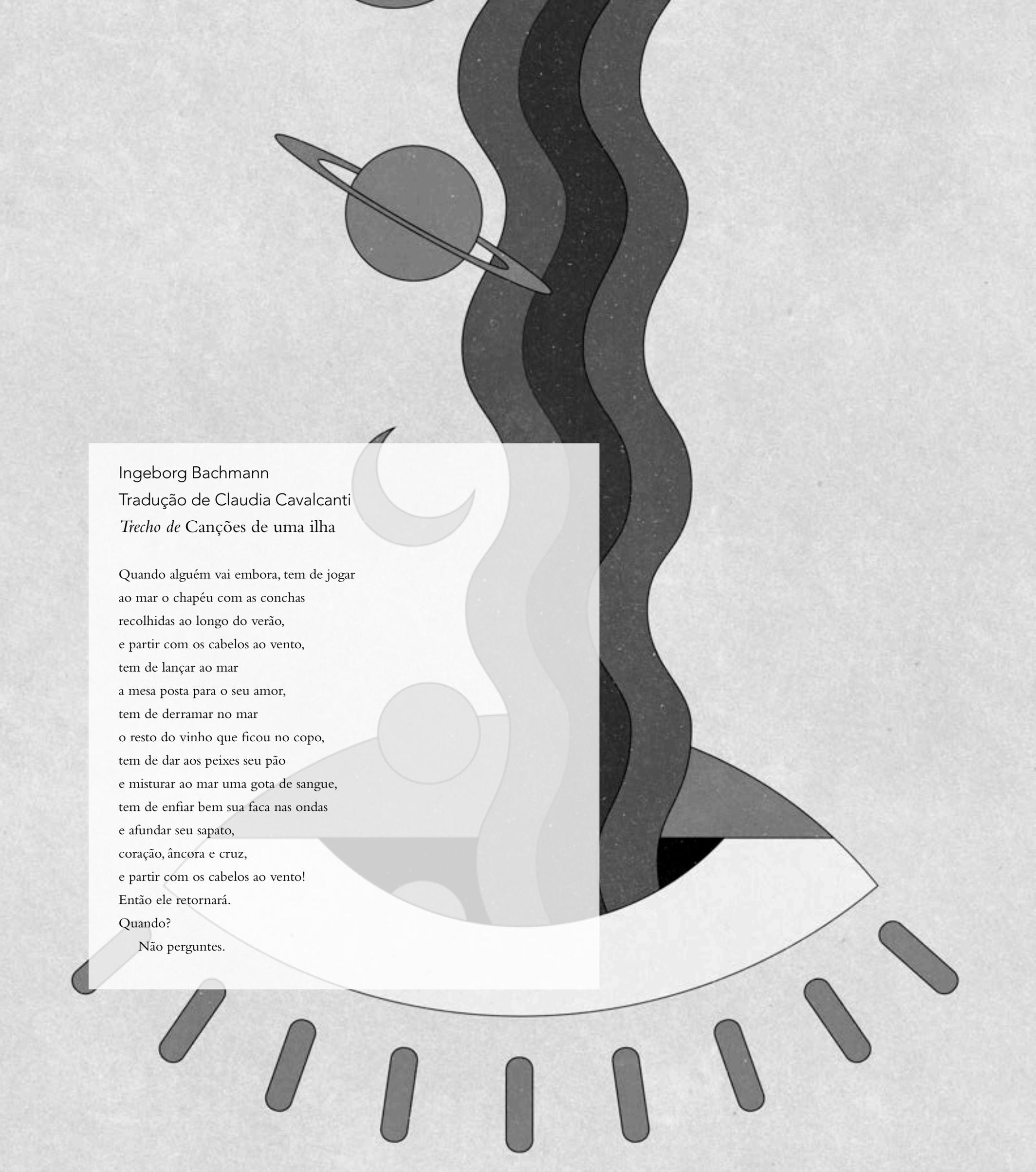
Sinopse e link para compra no site flaviosanso.com



editora **penalux**
Porque livros iluminam

www.editorapenalux.com.br

originais@editorapenalux.com.br



Ingeborg Bachmann

Tradução de Claudia Cavalcanti

Trecho de Canções de uma ilha

Quando alguém vai embora, tem de jogar
ao mar o chapéu com as conchas
recolhidas ao longo do verão,
e partir com os cabelos ao vento,
tem de lançar ao mar
a mesa posta para o seu amor,
tem de derramar no mar
o resto do vinho que ficou no copo,
tem de dar aos peixes seu pão
e misturar ao mar uma gota de sangue,
tem de enfiar bem sua faca nas ondas
e afundar seu sapato,
coração, âncora e cruz,
e partir com os cabelos ao vento!
Então ele retornará.
Quando?
Não pergunes.